

CONVERGENCIA

ISSN 0010-8162

OUTUBRO • 1999 • ANO XXXIV • Nº 326



- ✓ **ESPIRITUALIDADE CRISTÃ: UM CAMINHO DE ENCONTRO COM DEUS PAI**
- ✓ **IGREJA PEREGRINA**
- ✓ **"A IGREJA NA AMÉRICA": COMUNHÃO E MISSÃO**
- ✓ **O TEMPO DOS LOBOS E DOS CORDEIROS
A VIDA RELIGIOSA FRENTE À VIOLÊNCIA**
- ✓ **COMO FALAR DE DEUS PAI NUM MUNDO
DE EXCLUÍDOS?**
- ✓ **UM HOMEM TORTURADO: TITO DE ALENCAR**

SUMÁRIO

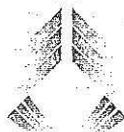
Editorial	449
Palavra do Papa	451
Informe CRB	455
Artigos	458
Espiritualidade Cristã: Um Caminho de Encontro com Deus Pai	458
<i>Aloísio Cardinal Lorscheider — Arcebispo de Aparecida – SP</i>	
Igreja Peregrina	467
<i>Pe. Cleto Caliman, SDB</i>	
"A Igreja na América": Comunhão e Missão	479
<i>Pe. Mário de França Miranda, SJ</i>	
O Tempo Dos Lobos e Dos Cordeiros. A Vida Religiosa Frente à Violência	487
<i>Irmã Ana Roy, AS</i>	
Como Falar de Deus Pai Num Mundo de Excluídos?	495
<i>Pe. José Comblin</i>	
Um Homem Torturado: Tito de Alencar	503
<i>Jean-Claude Rolland — Tradução: Xavier Plassat</i>	

A ilustração da capa da *Convergência* é uma cópia do painel da XVIII Assembléia Geral Ordinária da CRB (1998), do autor Anderson S. Pereira, MSC. O painel chama a atenção para a importância da temática central da AGO — Novo Milênio e Refundação da Vida Religiosa.

ASSINATURA PARA 1999:

BRASIL: Terrestre ou aérea	R\$ 65,00
Número avulso (Brasil)	R\$ 6,50
EXTERIOR: Terrestre ou aérea	US\$ 85,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da

Conferência dos Religiosos do Brasil: CRB

ISSN 0010-8162

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:

Ir. Afonso Tadeu Murad, FMS

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitória, SJ

Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar

20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

Tel.: (0**21) 240-7299

e-mail: crb006@ibm.net

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga

04216-000 • São Paulo • SP

Tel.: (0**11) 6914-1922

e-mail: loyola@ibm.net

HOMENAGEM - BIBLIOTECA -

R. Alcindo Guanabara, 24 - 4.º

Rio - RJ



Faleceu D. Hélder Câmara há pouco mais de um mês. Neste primeiro número publicado depois da sua Páscoa, CONVERGÊNCIA, interpretando o sentir dos Religiosos e Religiosas do Brasil, quer fazer memória do "Pastor bom e fiel" e prestar-lhe uma cálida homenagem. Nesse intuito, transcrevemos trechos do depoimento emocionado e profundamente verdadeiro do Pe. Marcelo Barros, religioso beneditino, amigo e colaborador de D. Hélder:

“O nosso querido arcebispo, que nunca aceitou ser chamado de senhor ou de “Dom”, como título por ser símbolo de nobreza, foi verdadeiramente um **dom** de Deus para a humanidade deste século. Com ele, convivi e trabalhei por doze anos. Por ele, fui ordenado diácono e depois presbítero. Com ele, aprendi que o projeto de Deus é a unidade das religiões e culturas em função da paz e da justiça para a terra. Em 1970, ajudando-o a preparar-se para participar do Parlamento das Religiões pela Paz em Kyoto (Japão), ainda o escuto dizer: *As religiões devem dialogar e caminhar juntas para ser a consciência ética da humanidade e o grito pacífico dos empobrecidos.* Quis reunir grupos e pessoas com fome e sede de justiça no mundo inteiro, dizendo-lhes que mesmo sendo poucos e fracos, têm uma imensa fecundidade. Chamava-os de “minorias abraâmicas”.

Recordo-me do seu modo de ser bispo. Mantinha uma função própria e pessoal de profeta, com autoridade moral e responsabilidade de pastor, sem entretanto nunca se impor a ninguém. Uma vez, vi um padre agradecer-lhe o fato de que, em seus 21 anos de arcebispo, nunca tomou uma atitude autoritária, ou de rejeição a alguém, mesmo que essa pessoa o criticasse abertamente ou se mostrasse seu adversário.

Ele, que nunca reteve para si o poder, viveu os seus últimos anos e morreu como o pobre que sempre quis ser: ‘Gostaria de ser uma simples poça d’água para refletir o céu’.

Guardo na memória a sua figura já alquebrada, na comemoração dos seus 80 anos, dançando frevo com as comunidades pobres. Peço a Deus que nos dê novamente bispos e pastores capazes de dançar frevo com o povo.

Já de longe, nos últimos anos, acompanhei a sua campanha por um 2000 sem miséria. Em 1996, ele escreveu junto com o Abbé Pierre, o francês, apóstolo da solidariedade, que o visitava no Recife: *Temos mais de 80 anos e ainda há muitas coisas a fazer para recolocar em ordem o mundo. Com as pequenas forças que nos restam, continuaremos a combater contra a miséria.*

Dom Helder faleceu um dia após a marcha que reuniu milhares em Brasília. Os jornais discutem se foram os cem mil previstos pelos movimentos populares ou 40 mil calculados pelos governistas. Se pudesse, Dom Helder lhes repetiria hoje o que proclamava há vinte anos: *Quem é despertado para as injustiças geradas pela má distribuição da riqueza, se tiver grandeza d’alma captará os protestos silenciosos ou violentos dos pobres. O protesto dos pobres é a voz de Deus”.*

Que os artigos publicados este mês na CONVERGÊNCIA ajudem os Religiosos e Religiosas a viverem o seguimento de Jesus nas pegadas do “Pastor bom e fiel” com que Deus agraciou a Igreja do Brasil, nessa difícil conjuntura histórica da humanidade.



PALAVRA DO PAPA

O Pai é a Nascente do Compromisso Apostólico da Igreja Universal

Por ocasião do Dia Missionário Mundial, que se há de celebrar a 24 do próximo mês de outubro, João Paulo II enviou aos missionários do mundo inteiro uma especial Mensagem, cuja tradução passamos a publicar:

1. Todos os anos, o Dia Missionário Mundial constitui para a Igreja uma preciosa ocasião para refletir sobre a sua natureza missionária. Recordando sempre o mandato de Cristo: "Ide, pois, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28, 19), a Igreja está consciente de que é chamada a anunciar aos homens de todos os tempos e lugares o amor do único Pai que, em Jesus Cristo, quer reunir os seus filhos dispersos (Jo 11, 52).

Neste último ano do século, que nos prepara para o Grande Jubileu do Ano 2000, é premente o convite a elevar o olhar e o coração ao Pai, para O conhecer "tal como Ele é, tal como o Filho no-Lo revelou" (*Catecismo da Igreja Católica [C.I.C.]*, n. 2779). Lendo sob esta óptica o "Pai Nosso", oração que o mesmo Mestre divino nos ensinou, podemos compreender mais facilmente qual é a nascente do compromisso apostólico da Igreja e quais são as motivações fundamentais que a tornam missionária "até aos confins do mundo".

Pai nosso que estais no céu

2. A Igreja é missionária porque anuncia indefessamente que Deus é Pai, repleto de amor por todos os homens. Cada ser humano e cada povo procura, às vezes até mesmo de maneira inconsciente, o rosto misterioso de Deus, que contudo só o Filho unigênito, que está no seio do Pai, nos revelou de forma plena (Jo 1, 18). Deus é "Pai de nosso Senhor Jesus Cristo" e "deseja que todos os homens se salvem e conheçam a verdade" (1 Tm 2, 4). Quantos acolhem a sua graça descobrem com admiração que são filhos do único Pai e sentem-se devedores do anúncio da salvação a todos.

Porém, ainda há muitas pessoas que no mundo contemporâneo não reconhecem o Deus de Jesus Cristo como Criador e Pai. Alguns, às vezes por culpa inclusivamente dos crentes, optaram pela indiferença e pelo ateísmo; outros, cultivando uma vaga religiosidade, construíram para si mesmos um Deus à própria imagem e semelhança; outros ainda O consideram um ser totalmente inalcançável.

A tarefa dos crentes é proclamar e testemunhar que, embora "habite na luz inacessível" (1 Tm 6, 16) o Pai celestial, no seu Filho encarnado no seio da Virgem Maria, morto e res-

suscitado, fez-se próximo de cada homem e torna-o capaz "de lhe responder, de O conhecer e de O amar" (cf. C.I.C., n. 52).

Santificado seja o vosso nome

3. A consciência de que o encontro com Deus promove e exalta a dignidade do homem leva o cristão a rezar assim: "Santificado seja o vosso nome", ou seja: "Faça-se luminoso em nós o conhecimento de Ti, a fim de podermos conhecer a amplitude dos teus benefícios, a vastidão das tuas promessas, a sublimidade da tua majestade e a profundidade dos teus juízos" (São Francisco, *Fontes franciscanas*, 268).

O cristão exige que Deus seja santificado nos seus filhos adotivos, bem como em quantos ainda não foram atingidos pela sua revelação, na consciência de que é mediante a santidade que Ele salva a inteira criação.

A fim de que o nome de Deus seja santificado entre as Nações, a Igreja atua em prol do compromisso da humanidade e da criação no desígnio que o Criador, "*segundo o beneplácito que n'Ele de antemão estabelecera*", "para sermos santos e imaculados diante dos seus olhos na caridade" (*Ef 1, 9.4*).

Venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade

4. Com estas palavras, os crentes invocam o advento do Reino divino e o regresso glorioso de Cristo. Porém, este desejo não os desliga da missão quotidiana no mundo; pelo contrário, compromete-os ainda mais. Agora, a vinda do Reino é obra do Espírito Santo, que o Senhor enviou "para aperfeiçoar a sua obra no mundo e realizar toda a espécie de santificação" (*Missal Romano, IV Oração Eucarística*).

Na cultura moderna difundiu-se um sentido de expectativa de uma nova era de paz, de bem-estar, de solidariedade, de respeito pelos direitos e de amor universal. Iluminada pelo Espírito, a Igreja anuncia que este reino de justiça, de paz e de amor, já proclamado no Evangelho, se realiza misteriosamente com o transcorrer dos séculos, graças a pessoas, famílias e comunidades que escolhem viver de maneira radical os ensinamentos de Cristo, em conformidade com o espírito das bem-aventuranças. Mediante o seu compromisso, a mesma sociedade temporal é estimulada a desenvolver-se rumo a metas de maior justiça e solidariedade.

Além disso, a Igreja proclama que a vontade do Pai é "*que todos os homens se salvem e conheçam a verdade*" (*1 Tm 2,4*), mediante a adesão a Cristo cujo mandamento, "que resume todos os outros e nos diz a sua vontade é que "nos amemos uns aos outros como Ele nos amou" (*C.I.C., n. 2822*).

Jesus convida-nos a rezar por isto e ensina-nos que entra no Reino dos céus não quem diz "*Senhor, Senhor*", mas aquele que faz "*a vontade de seu Pai que está nos Céus*" (*Mt 7, 21*).

O pão nosso de cada dia nos dai hoje

5. No nosso tempo é muito acentuada a consciência de que todos têm direito ao "pão quotidiano", ou seja, àquilo que é necessário para viver. Sente-se inclusivamente a exigência de uma imperiosa equidade e de uma compartilhada solidariedade que vincule os seres humanos entre si. Não obstante, muitíssimos deles ainda não vivem de maneira consoante com a sua dignidade de pessoas. Basta pensar nos bolsões de miséria e de analfabetismo que existem em alguns continentes, na carência de alojamentos e na falta de assistência médica, na escassez de trabalho, nas opressões políticas e nas guerras que destroem povos de inteiras regiões da terra.

Qual é a tarefa dos cristãos diante destes cenários dramáticos? Que relação tem a fé no Deus vivo e verdadeiro com a solução dos problemas que atormentam a humanidade?

Como escrevi na *Redemptoris missio*, "o progresso de um povo, porém, não deriva primariamente do dinheiro, nem dos auxílios materiais, nem das estruturas técnicas, mas sobretudo da formação das consciências, do amadurecimento das mentalidades e dos costumes. O homem é o protagonista do desenvolvimento, não o dinheiro ou a técnica. A Igreja educa as consciências, revelando aos povos aquele Deus que eles procuram sem O conhecer, a grandeza do homem criado á imagem de Deus e por Ele amado, a igualdade de todos os homens enquanto filhos de Deus..." (n. 58). Anunciando que os homens são filhos do mesmo Pai e portanto irmãos, a Igreja oferece o seu contributo para a edificação de um mundo caracterizado pela autêntica fraternidade.

A comunidade cristã é chamada a cooperar para o desenvolvimento e a paz com obras de promoção humana, com instituições educativas e formativas ao serviço dos jovens, com a constante denúncia das opressões e das injustiças de todos os gêneros. Porém, a contribuição específica da Igreja é o anúncio do Evangelho, a formação cristã dos indivíduos, das famílias e das comunidades, dado que ela está muito consciente de que a sua missão "não é a intervenção direta no plano econômico, técnico, político ou do contributo material para o desenvolvimento, mas consiste essencialmente em oferecer aos povos não um "ter mais", mas um "ser mais", despertando as consciências com o Evangelho. "O progresso humano autêntico deve assentar as suas raízes sobre uma evangelização cada vez mais profunda" (*Ibid.*, 58).

Perdoai-nos as nossas ofensas

6. O pecado está presente na história da humanidade desde o princípio. Ele debilita o ligame originário da criatura com Deus, provocando graves conseqüências para a sua vida e para a existência dos outros. Depois, como não ressaltar hoje que as múltiplas expressões do mal e do pecado encontram freqüentemente um aliado nos meios de comunicação social? E como deixar de observar que "para muitos o principal instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais" (*Redemptoris missio*, 37c), é constituído precisamente pelos diversificados *mass media*?

O trabalho missionário não pode deixar de levar aos indivíduos e aos povos o alegre anúncio da bondade misericordiosa do Senhor. O Pai que está nos céus, como a parábola do filho pródigo mostra com clarividência, é bom e perdoa o pecador arrependido, esquece a culpa e dá renovada serenidade e paz. Eis o autêntico rosto de Deus, Pai cheio de amor, que dá força para vencer o mal com o bem e, a quem retribui o seu amor, torna capaz de contribuir para a redenção do mundo.

Assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido

7. Mediante a sua missão, a Igreja é chamada a tornar presente a animadora realidade da paternidade divina não só com as palavras, mas sobretudo com a santidade dos missionários e do povo de Deus. "O renovado impulso para a missão *ad gentes* — eu escrevia na *Redemptoris missio* — exige missionários santos. Não basta explorar com maior perspicácia as bases teológicas e bíblicas da fé, nem renovar os métodos pastorais, nem ainda organizar e coordenar melhor as forças eclesiais: é preciso suscitar um novo "ardor de santidades entre os missionários e em toda a comunidade cristã" (n. 90).

Diante das terríveis e múltiplas conseqüências do pecado, os fiéis têm a tarefa de oferecer sinais de perdão e de amor. Só se na sua vida eles já experimentaram o amor de Deus é que podem ser capazes de amar os outros de maneira generosa e transparente. O perdão constitui uma excelsa expressão da caridade divina, concedida como dom a quem a pede com insistência

Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal

8. Com estas últimas súplicas, no "Pai Nosso" pedimos a Deus que não nos permita seguir o caminho do pecado e nos liberte do mal, o qual com freqüência é inspirado por um ser pessoal, Satanás, que deseja obstar o desígnio de Deus e a obra de salvação por Ele realizada em Cristo.

Conscientes de sermos chamados a levar o anúncio da salvação a um mundo dominado pelo pecado e pelo Maligno, os cristãos são convidados a confiar em Deus, pedindo-lhe que a vitória sobre o Príncipe do mundo (Jo 14,30), que Cristo conquistou uma vez para sempre, se torne experiência quotidiana da sua vida.

Em contextos sociais vigorosamente dominados por lógicas de poder e de violência, a missão da Igreja consiste em dar testemunho do amor de Deus e da força Evangelho, que derrotam o ódio e a vingança, o egoísmo e a indiferença. O Espírito do Pentecostes renova o povo cristão, resgatado com o sangue de Cristo. Esta exigua grei é enviada a todos os lugares, pobre de instrumentos humanos mas livre de condicionamentos, como fermento de uma nova humanidade.

Conclusão

9. Caríssimos Irmãos e Irmãs, o Dia Missionário Mundial oferece a cada um a oportunidade de melhor evidenciar esta comum vocação missionária, que impele os discípulos de Cristo a tornarem-se apóstolos do seu Evangelho de reconciliação e de paz. A missão de salvação é universal; para todo o homem e para o homem todo. E tarefa do inteiro povo de Deus, de cada um dos fiéis. Por conseguinte, a missionariedade deve constituir a paixão de cada cristão; paixão pela salvação do mundo e ardente compromisso em vista de instaurar o Reino do Pai.

Para que isto aconteça, é necessária uma incessante oração, a fim de que alimente o desejo de levar Cristo a todos os homens. E preciso a oferta do próprio sofrimento, em união com o do Redentor. Além disso, é necessário o compromisso pessoal no sustento dos organismos de cooperação missionária. Entre estes, exorto a ter em particular consideração as Pontifícias Obras Missionárias, cuja tarefa é solicitar a oração pelas missões, promover as suas causas e procurar os meios para a sua atividade de evangelização. Elas atuam em estreita colaboração com a Congregação para a Evangelização dos Povos, que coordena o esforço missionário em unidade de intenções com as Igrejas particulares e com as várias Instituições missionárias presentes na inteira Comunidade eclesial.

No próximo dia 24 de Outubro celebraremos o último Dia Missionário Mundial de um milênio em que a obra evangelizadora da Igreja produziu frutos verdadeiramente extraordinários. Agradecemos ao Senhor o imenso bem realizado pelos missionários e, dirigindo o olhar para o futuro, esperamos com confiança o alvorecer de um novo Dia.

Quanto trabalham na vanguarda da Igreja são como que as sentinelas sobre os muros da Cidade de Deus, às quais perguntamos: "Sentinela, quanto falta para acabar a noite?" (Is 21,11), e recebemos a seguinte resposta: "Ouve! As tuas sentinelas elevam a voz, cantam em coro porque vêem com os seus próprios olhos o Senhor que volta a Sião" (Is 52,8). O seu testemunho generoso em cada recanto da terra anuncia que, "ao aproximar-se o terceiro milênio da Redenção, Deus está a preparar uma grande primavera cristã, cuja aurora já se entrevê" (*Redemptoris missio*, 86).

Maria, "Estrela Matutina", ajuda-nos a repetir com ardor sempre novo o "Fiat" ao desígnio de salvação do Pai, para que todos os povos e línguas possam ver a sua glória (cf. Is 66, 18).

Com estes bons votos, transmito cordialmente aos missionários e a quantos promovem a causa missionária, uma especial Bênção apostólica.

Vaticano, 23 de Maio de 1999, Solenidade do Pentecostes.

Joannes Paulus II



INFORME CRB

Conflito

Espaço Profético para a Vida Religiosa

Caríssimas/os Irmãs/os

Nós, religiosas e religiosos, que atuamos em áreas de conflitos e acompanhamos pessoas e grupos atuantes nessas áreas, viemos de 13 Estados do Brasil e de três países da América Latina (Argentina, Chile e Brasil). Reunidos em Belo Horizonte (Brasil) nos dias 13 a 16 de maio de 1999, queremos compartilhar com vocês um pouco desse encontro que foi tão enriquecedor: "Oi que prazer, que alegria é o nosso encontro de irmãos."

O que nos motivou para realizar esse encontro foi: apoiar e animar religiosas/os que atuam nas áreas de conflitos e muitas vezes se sentem abandonados, ameaçados e distantes; compartilhar as experiências; analisar a realidade de cada país e fortalecer a articulação de grupos de Justiça e Solidariedade (JUSSOL) do Brasil e de Comissões de Justiça e Paz do Cone Sul.

A partilha das nossas experiências evidenciou que estamos inseridos em uma diversidade grande de conflitos. Vivenciamos conflitos sociais: luta pela terra e pela moradia e contra a violência do latifúndio, defesa dos direitos dos povos indígenas e afro-americanos e das populações migrantes que buscam melhores condições de vida, atendimento aos doentes terminais de AIDS, acompanhamentos de mulheres marginalizadas e dos encarcerados, e várias outras inserções como nos conflitos ambientais e entre os excluídos, sobretudo, nas periferias urbanas. Constatamos que a nossa atuação acontece no meio de diversos sujeitos sociais, vítimas de uma ordem sócio-econômica que é intrinsecamente excludente. Convivemos com conflitos de ordem institucional: com os poderes públicos que não contemplam os pobres em suas políticas públicas; com a hierarquia da Igreja e instâncias de nossas próprias congregações que vivem às vezes, uma defasagem entre a teoria e a prática; de fato, os recursos humanos e financeiros dispensados ao trabalho efetivo com esses novos rostos em meio aos conflitos demonstram que a opção preferencial pelos pobres é, muitas vezes, reduzida a uma boa intenção, ainda distanciada dos carismas fundacionais.

A análise de conjuntura nos ajudou a conhecer melhor o contexto da sociedade pós-moderna, na qual acontecem os conflitos. Percebemos que houve uma mudança de paradigma social, ou seja, dos elos que interligam o processo de construção da sociedade. Trata-se de uma nova revolução tecnológica, depois daquela agrícola e industrial, marcada pela maximização do lucro e pela lógica da competitividade, pelo individualismo como regulador da vida social, pela desigualdade como constitutiva do sistema neoliberal e pela transformação de tudo em mercadoria. Esse novo paradigma social traz como conseqüências: a síndrome da violência que ronda em todos lugares e grupos sociais, a morte fria que se torna sacrifício necessário para a sobrevivência do sistema neoliberal, a redução do trabalho como uma mera questão de emprego produtivo, descartando a dimensão do trabalho gratuito como parte fundamental da pessoa humana, a quebra e fragmentação das relações humanas, a absolutização do lazer como prazer individualista, o desinteresse e indiferença a tudo aquilo que é público, comunitário e coletivo, e a busca do conhecimento e do poder como formas de dominação e de apartação social.

A convivência e o testemunho partilhados e celebrados nestes três dias reacenderam em nós a convicção de que a mudança desse paradigma neoliberal é possível, aliás já está acontecendo, também através das nossas práticas de inserção em áreas de conflitos, práticas que suscitam e fortalecem organizações em defesa da vida em todas as suas formas de expressão como, por exemplo, o Movimento Direito e Cidadania e outras...

Estar com os excluídos significa desenvolver e contrapor um paradigma social que tem como parte constitutiva os valores da compaixão, ternura, partilha, solidariedade, justiça e paz, comunhão, participação, respeito e cuidado da criação; valores esses capazes de despertar o crescimento pessoal e comunitário a partir da alteridade, quebrar o individualismo e o narcisismo, valorizar a gratuidade do trabalho, priorizar o ser da pessoa humana (a ética e estética), estabelecer uma equidade na distribuição dos bens de serviço que garanta, pelo menos, o mínimo vital para todos e resgatar a dimensão do serviço e participação como formas de exercício do poder, e inverter as prioridades políticas.

Ao afirmar esse paradigma estamos conscientes de que a nossa ação, desde espaços localizados até esferas mais amplas, é um remar contra a corrente. Essa prática em contramão está sendo alimentada pelo sonho de uma liberdade que se constrói na igualdade respeitando as diferenças, pela indignação como reação à indiferença, pela teimosia e resistência constantes, na esperança da realização do Reino de Deus. Essa é a dimensão profética do conflito que nos impulsiona a acreditar sempre mais, apesar das constantes investidas do sistema neoliberal, que é possível a transformação da sociedade porque a vida supera a morte e os seus mecanismos. E uma profecia sobretudo feminina, porque são elas que em maior número assumem os desafios da missão nas áreas de conflitos, presença profética que possibilita a formação da pessoa humana como cidadã consciente, livre, solidária e sujeita da própria história.

O nosso encontro levantou alguns desafios que queremos partilhar com as nossas Congregações, Conferências religiosas, Igrejas e Comunidades:

- Intensificar a formação de novas/os religiosas/os na ética do compromisso com os diferentes restos de excluídos, uma vez constatado que a grande maioria das/os inseridas/os em áreas de conflitos já possui cabelos brancos.
- Reforçar o trabalho em parceria com os movimentos sociais que são sinais proféticos no final do século XX, apesar dos limites que fazem parte da ambigüidade histórica.
- Criar e fortalecer a articulação de grupos e comissões (estaduais, nacional e do Conesul) que visem o compromisso pela justiça, paz e ecologia, realizando as iniciativas como: grito dos excluídos, dia da solidariedade, bancos éticos e outras.
- Conscientizar as comunidades religiosas e a população em geral sobre a importância de empreender iniciativas de erradicação das várias formas de violência, sobretudo estruturais.

Ao voltar para as nossas comunidades, lugares de missão, queremos reforçar a nossa convicção que a inserção, geográfica ou social em áreas de conflitos, é um lugar privilegiado de resgatar a origem da vida religiosa, cuja vida cristã foi marcada pela solidariedade. Estamos voltando ainda mais convictas de que a luta pela justiça é parte constitutiva da evangelização, tirando qualquer dúvida que possa pairar, ainda, em algumas instituições religiosas e eclesiais.

Que o Deus da vida aqueça os nossos corações, alimente a nossa esperança e fortaleça a nossa unidade na luta por uma sociedade justa e solidária!

Belo Horizonte, 16 de Maio de 1999

JUSSOL – CRB (BRASIL)

DEPARTAMENTO DE JUSTICIA, PAZ Y ECOLOGIA – CONFERRE (CHILE)

DEPARTAMENTO DE JUSTICIA Y PAZ – CONFAR (ARGENTINA)

Está com os excluídos significa desenvolver e contrapor um paradigma social que tem como parte constitutiva os valores da compaixão, ternura, partilha, solidariedade, justiça e paz, comunhão, participação, respeito e cuidado da criação; valores esses capazes de despertar o crescimento pessoal e comunitário a partir da alteridade, quebrar o individualismo e o narcisismo, valorizar a gratuidade do trabalho, priorizar o ser da pessoa humana (a ética e estética), estabelecer uma equidade na distribuição dos bens de serviço que garanta, pelo menos, o mínimo vital para todos e resgatar a dimensão do serviço e participação como formas de exercício do poder, e inverter as prioridades políticas.



ARTIGOS

Espiritualidade Cristã: Um Caminho de Encontro com Deus Pai

ALOÍSIO CARDEAL LORSCHIEDER
ARCEBISPO DE APARECIDA – SP

Jesus Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por Ele (Jo 14,6). Jesus, como Filho Unigênito do Pai, encontra-se no seio do Pai (Jo 1,18). A partir deste seio, Jesus nos revela o Pai. E todos nós que cremos em Jesus, nascemos de Deus Pai (Jo 1,12). Jesus não tem outro objetivo a não ser o de nos levar ao Seu e Nosso Pai, ao Seu Deus e Nosso Deus (Jo 20,17). Jesus não quer nada mais do que depositar-nos

no seio do seu Pai querido. Somos as ovelhas do Pai entregues ao pastoreio de Jesus. Voltar ao Pai, é voltar ao redil (Jo 10,26-30).

Importante para a nossa espiritualidade cristã contemplar, desde aqui e agora, a ternura, o carinho, a bondade, a compreensão de nosso Pai Celeste. Para isso, nada mais indicado do que escutar a Palavra do Pai, deixar-nos impregnar por Ela. É Palavra segura e eterna.

I. DEUS PAI

1. Muito feliz o nosso Papa, João Paulo II, ao propor como preparação próxima para o 3º Milênio uma reflexão aprofundada sobre as três Pessoas Divinas: a Pessoa do Filho (1997), a Pessoa do Espírito Santo (1998) e a Pessoa do Pai (1999). Quem poderia ter pensado em anos anteriores que esta reflexão, feita à base da Sagrada Escritura, pudesse oferecer tão preciosos aspectos para a vida espiritual dos discípulos e discípulas de Jesus Cristo? Seria bom que alguém tentasse oferecer, no final deste 2º milênio, em síntese, toda a reflexão desencadeada.

2. Neste último ano compete-nos aprofundar a primeira Pessoa da Sma.

Trindade, a Pessoa do Pai. Para isso, uma *pergunta* que será a espinha dorsal de todo o nosso pensar.

A pergunta é essa: *qual a grande paixão da vida de Jesus?*

3. Todos temos em nossa vida uma grande paixão, uma paixão *dominante*.

Qual foi a paixão *dominante* da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo?

Creio que a resposta é uma só: a grande paixão da vida de Jesus foi o *seu* Pai, o Pai do céu, a primeira Pessoa da Sma. Trindade. E será também essa a nossa paixão dominante?

4. Jesus veio ao mundo para trazer o *Reino de Deus* e torná-lo realidade em

todos os seres humanos: “O Reino de Deus aproximou-se (tornou-se próximo; tornou-se o nosso próximo!), o reino de Deus está aí, chegou” (Mc 1,15).

Qual é este Reino de Deus?

A resposta nós a temos em 1Cor 15,28: “pois é preciso que ele Jesus reine, até que tenha posto todos os seus inimigos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído será a Morte, pois ele tudo colocou debaixo dos pés dele. Mas, quando ele disser: “Tudo está submetido”, evidentemente *excluir-se-á aquele que tudo lhe submeteu*. E quando todas as coisas lhe tiverem sido submetidas, então o próprio Filho se submeterá àquele que tudo lhe submeteu, para que *Deus seja tudo em todos*”.

Quem é Deus tudo em todos? Deus tudo em todos é *Deus Pai*. Ele é a fonte de tudo; é o *Princípio sem Princípio*, ao passo que o Filho é Princípio Principiado, e o Espírito Santo é só Principiado. Ora, Deus tudo em todos significa a consumação de tudo, é a *consumação do Reino*, é o Reino em sua plenitude. Ora, é este o Reino que Jesus trouxe e quis estivesse presente em todos os corações e em todo o ser criado.

O que significa isso *concretamente*? Se Deus Pai será tudo em todos — consumação —, e é o Reino em plenitude, segue-se que o Reino trazido por Jesus é *concretamente* o Pai. Jesus trouxe o Pai para dentro do mundo para que *o Pai estivesse no coração de todos e de tudo*. Jesus veio, pois, colocar o Pai no coração de todas as criaturas humanas e de todo o ser. É o que Jesus afirma também quando diz: “Vim para que tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Isto tudo significa que — *Jesus veio revelar-nos o Pai*. É Ele mesmo que diz: “ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e a quem o Filho o quiser revelar”

(Mt 11,27). Só Jesus, enquanto Filho do Pai, conhece bem o Pai e ama o Pai como o Pai deve ser amado. Ora, só Jesus, enquanto Filho de Deus, pode nos dizer quem é o Pai. O Pai, no dizer de S. Paulo, é o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo (Ef 1,3). Pois bem, Jesus nos diz que o seu Pai é o *Abbá*. É Pai, Papai; é, como dizem os nordestinos, o *Painho*! Nome carinhoso para indicar o Pai. Deus Pai é carinho, é ternura, é bondade; *Ele é o Painho*! Se no Antigo Testamento (AT) Ele é Jahvé, no Novo Testamento (NT) ele é Pai, é Papai, é Painho. E nós somos os seus filhinhos, as suas filhinas. Por que o diminutivo? Para indicar todo o carinho que Deus Pai tem para conosco. É neste sentido que podemos entender melhor a S. João quando nos chama de “filhinhos” (1Jo 2,1; 2,12.14.18.28...), como, aliás, o próprio Jesus nos chamou: “Filhinhos, por pouco tempo ainda estou convosco...” (Jo 13,33). Nesta expressão “Abbá” — Papai-Painho, está presente a imensa, a infinita misericórdia de Deus Pai que se manifesta tão claramente na parábola chamada do filho pródigo, mas que mais propriamente se deveria chamar a parábola do Pai misericordioso (Lc 15,13-32).

5. É interessante notar quantas vezes Jesus, sobretudo na Última ceia, fala do Pai: “Na casa do meu Pai há muitas moradas” (Jo 14,2) — “Ninguém vem ao Pai a não ser por mim” (Jo, 14,6) — “Se me conheceis, também conhecereis meu Pai...” (Jo 14,7) — “Quem me vê, vê o Pai...” (Jo 14,9)... O Pai está em Jesus e Jesus está no Pai (Jo 14,11). É a partir desta intimidade do Pai que Jesus nos revela o Pai: “O Filho Unigênito *que está no seio do Pai no-lo revelou*” (Jo 1,18).

6. Tendo meditado todas estas passagens bíblicas, já podemos retomar a frase programática de Jesus em Mc 1,15, e ler assim: “O Reino de Deus se aproxi-

mou = o Pai se aproximou, se tornou o nosso próximo, achegou-se a nós. Ele se aproximou, se achegou, se tornou o nosso próximo, através de Jesus, que traz em si o Pai — “eu e o Pai somos um só” (Jo 10,30) — Jesus está todo no Pai e o Pai todo n’Ele. Por Jesus, o Pai se tornou o nosso próximo — e aqui seria bom pensar na parábola do bom Samaritano (Lc 10,29-37): “Qual em tua opinião, entre os três foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes? — Ele respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com Ele”. Jesus então lhe disse: “Vai, e também tu, faze o mesmo” (perfeitos como o Pai é perfeito, misericordiosos como o Pai é misericordioso — imitação do Pai). Por Jesus, o Pai se tornou o nosso próximo, está entre nós. — “convertam-se e creiam no Evangelho” = voltem-se para o Pai, entrem no seio do Pai como eu, Jesus, estou no seio do Pai — *é a vida contemplativa cristã*. Sempre voltados para o Pai (cf. Sl 122 (123)), com os olhos sempre fixos no Pai, sempre acreditando no Pai. O Evangelho = Jesus = o Reino = o Pai. Isto significa que toda a nossa vida deve estar orientada para o Pai: “Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo em nome de Jesus para a glória do Pai” (1Cor 10,31; Cl 3,17).

7. Esta exigência bíblica corresponde àquilo que é a nossa vida cristã: *participação da vida divina: consortium divinae naturae* (2Pd 1,4). Sendo a nossa vida cristã participação da vida divina, ela deve ser aqui no mundo *um reflexo* da vida intratinitária. É por isso que Jesus quer que *todo o nosso ser e todo o nosso agir* sejam orientados para o Pai Celeste. *Somos filhos no Filho!* Devemos fazer o bem a fim de que os homens vejam as nossas boas obras e glorifiquem o Pai que está no céu, assim como Jesus o glorificava: “Eu te glorifiquei na terra. Terminei a obra que me deste para fazer” (Jo 1,4; Mt 5,16).

Nunca devemos procurar os elogios e aplausos dos homens porque, caso contrário, o Pai Celeste não nos poderá recompensar (Mt 6,1). Bloqueamos a mão do Pai Celeste. Impedimo-lo de nos presentear, porque já recebemos o presente que procurávamos: os aplausos dos homens! Por isso, quando fazemos a esmola, devemos fazê-la em segredo. O mesmo vale para a oração e o jejum. O mesmo vale para todo o nosso agir. O Pai Celeste que vê a nossa boa ação feita com pureza de intenção, que vê o nosso íntimo, recompensar-nos-á plenamente (Mt 6,4 ss).

O agir em segredo, do Evangelho, refere-se à nossa intenção. Em nossas ações a preocupação não poderá ser o que os homens dirão ou pensarão dela, mas sim o que o Pai Celeste dirá e pensará delas. A nossa preocupação deverá ser a de agradecer em tudo o que fizermos ao Pai Celeste, a de fazer a Sua Vontade (“O meu alimento é fazer a vontade d’Aquele que me enviou e consumir a sua obra” Jo 4,34).

Necessitamos amar os inimigos, ser bons para com os que são maus conosco, rezar pelos que nos perseguem e caluniam, a fim de sermos filhos do nosso Pai Celeste, o qual faz nascer o sol sobre bons e maus, e faz vir chuva sobre justos e injustos (Mt 5,44 ss). *Nosso modelo de perfeição* é o Pai Celeste: “Sede, pois, perfeitos como vosso Pai Celeste é perfeito” (Mt 5,48). “Sede misericordiosos como também vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36).

Além do mais, o Pai Celeste será *mui-to justo* conosco. Tomará como medida de sua justiça a medida que aplicarmos ao nosso próximo. Como tivermos feito aos outros, ser-nos-á feito também a nós: “Com o juízo com que julgardes, sereis julgados; com a medida com que medirdes, ser-vos-á medido também a vós” (Mt 7,2; Lc 5,38), pois se perdoarmos aos outros as culpas, também o

nosso Pai Celeste não perdoará: “Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados” (Lc 6,37). Mas, se não perdoarmos, também o nosso Pai Celeste não perdoará as nossas culpas (Mt 6,15).

Em nossa oração é necessário procurar primeiro a glória do Pai, a expansão do seu reino, o cumprimento de sua vontade, e só então pensar em nós (Mt 6,9 ss). O *Pai Celeste nos quer muito bem*. Ele não deixa faltar nada aos pássaros do ar e aos lírios do campo; muito menos descuidará de nós, dando-nos, ao invés, a nós, os seus diletos, tudo aquilo de que tivermos necessidade (Mt 6,25-34; Cl 3,12). Ele conhece nossas precisões, e se Lhe pedirmos, Ele nos dará coisas boas (Mt 6,31; 7,11), nos dará o Espírito Santo (Lc 11,13).

8. Se chama a nossa atenção o fato das muitas vezes que Jesus fala do Pai, coloca o Pai como nosso modelo de ser e agir, e ensina-nos a rezar, dirigindo-se a Deus com a invocação “Pai Nosso que estais no céu...”, é também digno de menção o fato de que o próprio Jesus em suas orações dirige-se ao Pai com uma entonação muito especial.

Os evangelistas conservaram diversas orações de Jesus, normalmente breves, mas muito significativas:

Mt 11,25-27: “Louvo-te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos.”

Jo 11,41-42, pouco antes da ressuscitação de Lázaro: “Pai, eu te dou graças porque me ouviste! Eu sei que sempre me ouves, mas digo isto por causa da multidão em torno de mim, para que creia que tu me enviaste”.

Jo 17, a grande oração sacerdotal, onde a invocação dirigida ao Pai se re-

pete como num estribilho: “*Pai*, chegou a hora: glorifica teu Filho... Agora glorifica-me, *Pai*, junto de ti, com a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse... *Pai santo*, guarda-os em teu nome... Como tu, *Pai*, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós... *Pai*, aqueles que me deste quero que, onde eu estou, também eles estejam comigo... *Pai justo*, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci...”.

Mc 14,36, no jardim das Oliveiras: “Abba! Ó Pai! Tudo é possível para ti: afasta de mim este cálice; porém, não o que eu quero, mas o que tu queres”.

Lc 23,24: “Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem.”

Lc 23,46: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito.” (eu me entrego).

Em todas estas passagens bíblicas é preciso deixar repercutir em nós o *acento* que Jesus deu a esta invocação de “Pai”. É preciso entrar no coração de Jesus, na sua intimidade, para vivenciar e sentir em nós o amor imenso de Jesus por *seu Pai* que é também o *nosso Pai*: “Não me segures, pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém, a meus irmãos e diz-lhes: ‘Subo para o meu Pai e vosso Pai, o meu Deus e vosso Deus’ (Jo 20,17).

9. De tudo isso se conclui que a grande paixão de Jesus foi o Pai e que, portanto, a nossa grande paixão também deve ser o Pai: o Pai no mais íntimo de nosso coração. A intimidade de Jesus com o Pai é indicação para a nossa com o Pai, toda feita de confiança filial, de ternura, carinho. “Se não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos céus” (Mt 18,3), isto é, se não soubermos do fundo do nosso coração chamar a Deus de Pai, não entraremos no Reino dos céus.

Foi a partir dessa intimidade que Jesus nos manifestou o plano do Pai, o

plano *salvífico* do Pai. E qual é esse plano? Que o Pai seja tudo em todos. Só assim todos seremos felizes como o Pai é feliz. É isso o que constitui de fato o Reino de Deus: Deus Pai tudo em todos

(cf. 1Cor 15,28). E quanto necessitamos de um Pai! Pai que é também Mãe: se uma Mãe pode esquecer o seu filho, eu nunca me esquecerei de vós, diz o Senhor (Is 49,15). Assim seja.

II — DEUS PAI NOSSO

10. Se no AT Deus é sobretudo *Jahvé*, no NT ele é Pai, Papai, é *Painho*. "Tanto Deus amou o mundo que lhe deu o seu Filho único para que todo o que n'Ele crer não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3,16). Neste versículo evoca-se com muita clareza a figura do Pai Abraão que, para obedecer a Deus, não titubeou em imolar o seu filho, *o seu único* (Gn 22,2). E no NT Deus Pai vai mais longe. Ele *nos dá, nos entrega*, o seu Filho *único* — e que Filho? Nele pus todo o meu agrado (Mt 17,5; Mc 9,7; Lc 9,35; Mt 3,17; Mc 1,11). Na Carta aos Colossenses fala-se do Filho do seu amor: "Ele nos arrancou do poder das trevas e nos transferiu para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados" (Cl 1,13). Ele, pois, entrega a nós o seu Filho *único* para que pudéssemos ser os *seus filhinhos*. Por isso, o "Pai Nosso" que brotou do coração amoroso de Jesus, deveria também brotar do nosso coração apaixonado por Deus Pai. Quando dizemos "Pai Nosso" deveríamos dizê-lo com toda a nossa alma, com toda a entonação que Jesus deve ter dado ao ensiná-lo aos Apóstolos. O "Pai Nosso" não pode ser dito por nós sem uma *emoção profunda* do nosso ser. É preciso saborear a graça que temos de chamar o bom Deus *o nosso Pai*.

11. Ele é o resumo de todo o Evangelho (Tertuliano) e contém *uma orientação para toda a nossa vida*. É a oração *fundamental* de nós cristãos. Santo Agostinho, na sua Carta a Proba (sec. V), diz que "se percorreres todas as palavras das

santas preces [contidas no saltério],... nada encontrarás que não esteja contido nesta oração dominical ou que ela não encerre. Por isto cada qual ao orar é livre de dizer estas ou aquelas palavras, mas não pode sentir-se livre de dizer coisas diferentes" (cf. 4ª feira da 29ª Semana do Tempo Comum, Segunda Leitura, Liturgia das Horas). Nesta oração Jesus conjuga o amor a Deus Pai acima de tudo e amor ao próximo assim como Jesus nos amou, e nos adverte ainda sobre os perigos que passamos nesta vida.

Percorramos, pois, esta oração por meio de uma reflexão mais aprofundada, já que nela Jesus colocou todo *o seu amor de Filho e de Irmão*. Falando de Deus Pai, *Pai de imensa misericórdia, rico em misericórdia* (Ef 2,4), não podemos fazer nada melhor do que adentrar nesta oração, penetrar no seu âmago.

12. **Pai Nosso que estais no céu.** Ninguém de nós é órfão. Temos um Pai e um Pai maravilhoso. É o mesmo Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Já não mais só o Pai de Abraão, Isaque e Jacó. É o Pai da vida. É o Pai Criador do Universo. É o Pai *que está nos céus*. O Pai *Celeste*, Aquele que está além e acima de todo o criado. O Excelso, o Sublime, o Soberano, o Senhor de imensa majestade, o *Transcendente*, e que todavia se fez *o nosso próximo*. Caminha conosco. Leva-nos pela mão. Ele que não precisa de nós porque sumamente feliz em si mesmo, acolhe-nos entretanto, procura-nos, corre atrás de nós como se não pudesse ser feliz sem nós (ler as parábolas da dracma perdida, a ovelha

perdida, o filho pródigo ou Pai Misericordioso: Lc 15). Ele tudo sabe, tudo vê, tudo perscruta, e contudo deseja ardentemente ouvir-nos, ouvir a nossa voz, sentir-se invocado por nós, chamado por nós. E nós não temos aqui morada permanente. Caminhamos em demanda da futura onde o bom Pai Celeste nos espera de braços abertos (Hb 13,14). Como é bom saber que, após uma longa viagem, tem alguém esperando por nós, alguém *Justo, Verdadeiro, Fiel, Eterno, Imutável*, mais preocupado conosco do que nós de nós mesmos. Ele não quer que, em nossa caminhada, sejamos vítimas de um acidente ("não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do Mal, livrai-nos do Maligno", livrai-nos do Bandido!, isto é, do Demônio!

13. Santificado seja o vosso Nome

"Não tomar o seu santo Nome em vão" (Êxodo 20,7)

Que o Pai *seja respeitado*. "Nome" está em lugar de Pessoa. Que a Pessoa do Pai seja respeitada, não seja blasfemada, seja glorificada: "Eu te glorifiquei na terra, concluí a obra que me encarregaste de realizar" (Jo 17,4). "Por vossa causa, o Nome de Deus está sendo blasfemado entre os gentios" (Rm 2,24). É o que diz também o profeta Ezequiel: "E nas nações para onde se dirigiram, profanaram o meu santo nome... Mas eu tive consideração com o meu santo nome... por isso dirás à casa de Israel:... por causa do meu santo nome, que vós profanastes entre as nações... santificarei o meu grande nome" (Ez 36,20-22). E o salmista reza: "Que eu não seja a vergonha dos que esperam em ti... que eu não seja a confusão dos que procuram a ti, ó Deus de Israel" (Sl 68 (69),7). Vivendo nós *corretamente*, o Nome de nosso Pai Celeste é bendito; se vivermos mal, ele será blasfemado.

Quanta invocação nesta breve invocação! Rezamos para merecermos ter *em nós* tanta santidade quanto é santo o Nome de nosso Pai, e também para que nos outros haja a mesma santidade ("Pai Santo, guarda em teu Nome os que me deste", Jo 17,11).

14. Venha a nós o Vosso Reino

O reino do nosso Pai virá sem falta. Mas com esta invocação acendemos em nós o desejo deste reino: que ele venha para nós e nele mereçamos reinar. O que de fato desejamos é que *o Pai seja tudo em todos*. Só o teremos *total* no dia em que Jesus Cristo, no fim dos tempos, voltar e submeter tudo ao Pai para que Ele seja para sempre tudo em todos (1Cor 15,28).

15. Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu

Unimos nossa vontade à de Jesus para que o seu plano de salvação se realize para a vida do mundo. É preciso para isso fazer tudo, como Jesus o fez, para agradar ao Pai (Jo 8,29), ter como alimento de nossa vida a vontade do Pai e levar a termo a obra que nos confia (cf Jo 4,34). Queremos por esta invocação que o erro seja banido da terra e nela reine a verdade e não a mentira, o vício seja destruído, a virtude floresça, a terra não seja diferente do céu. É só pensar em Maria Santíssima, nos Santos e nos Anjos. Todos realizam com perfeição a vontade do Pai. E nós na terra? Realizando a vontade do Pai, a terra se transforma no céu. Terra e céu intimamente ligados entre si, tendo como norma o bem-querer do Pai.

16. Olhando para estes três pedidos iniciais do Pai Nosso, vemos como eles, *mais teologais*, nos atraem para a *Glória do Pai*. O mais importante em nossa vida

é o *Seu Nome*, a *Seu Reino*, a *Sua Vontade*. “Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça; todo o mais vos será dado de acréscimo” (Mt 6,33). É próprio do amor pensar primeiro naquele que amamos. Nestes três pedidos manifesta-se o *desejo ardente* — podemos mesmo dizer — a *angústia* do Filho bem-amado, de Jesus, pela *glória do Pai*. Jesus, pela cruz, foi a vivência plena destes pedidos. É, por isso, que nós *pelos cruzeiros* da nossa vida rezamos de modo mais perfeito estes três grandes pedidos. “Exorto-vos, portanto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais vossos corpos como hóstia viva, santa, e agradável a Deus; este é o vosso culto (latreian) *logikeen* (em relação ao Lógos?) *espiritual* = em espírito e verdade (Jo 4,24)” (Rm 12,1-3).

17. O pão nosso de cada dia nos dai hoje

Dai-nos: é a confiança dos filhos e filhas que esperam tudo do seu Pai. “Ele faz sobre justos e injustos nascer o seu sol, sobre maus e bons cair chuva” (Mt 5,45) e dá a *todos* os seres vivos “o alimento a seu tempo” (Sl 104,27). Jesus ensina-nos a fazer este pedido, pedido que glorifica o Pai, porque reconhece como Ele é bom além de toda bondade.

O “*nos*” lembra-nos que Deus é o Pai de todos os seres humanos. Nós pedimos por todos eles, em *solidariedade* com suas necessidades e sofrimentos. Aqui se sublinha também a *gratuidade* do Pai. Ela deve ser, também, a nossa gratuidade. O Pai concede-nos tudo *grátis*. Nunca exigiu de nós um pagamento por todos os tesouros espalhados no Universo. Por que é que nós devemos exigir *pagamento* por aquilo em que ajudamos aos outros? O Pai não nos vendeu nada, nem mandou que nós vendêssemos. As estruturas *de compra e venda* foram introduzidas por nós. O livre mercado *incontro-*

lável certamente responde à visão do Evangelho, à vontade do Pai. O livre mercado deve ser controlado pelas forças sociais e estatais, de modo a garantir a satisfação das exigências fundamentais de toda a sociedade. É estrito dever de justiça e verdade impedir que as necessidades humanas fundamentais permaneçam insatisfeitas e que pereçam os homens por elas oprimidos (“Centésimus Annus”, 34,35). A orientação fundamental da Igreja não é a acumulação de bens, de riquezas, e sim sua *equitativa distribuição*, sua *partilha equitativa*. Equitativa significa correspondente às necessidades fundamentais de *cada* pessoa humana. É urgente uma cultura de solidariedade (“Ecclesia in América”, 52).

O *pão nosso*: o drama da fome no mundo convoca os cristãos para uma *responsabilidade efetiva* em relação aos irmãos e irmãs *famintos*. Pensar nas parábolas do pobre Lázaro (Lc 16,19-31) e do Juízo Final (Mt 25,31-46: “Estive com fome e vós me destes de comer...”).

Trata-se do *pão nosso*: *um* pão para todos. O pão de todos que chegue a todos. Nós o pedimos uns para os outros.

Neste pedido podemos também incluir, como o fazem alguns Santos Padres, o pão da Palavra de Deus e o pão Eucarístico. Sobre o pão da Palavra de Deus o profeta Amós (8,11) diz: “há uma fome na terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a Palavra de Deus.” E o pão Eucarístico: “é o pão vivo descido do céu; quem comer deste pão viverá eternamente” (Jo 6,51). Na distribuição deste duplo pão também há tanta carência. E nós muitas vezes somos culpados disso. Existe não apenas um capitalismo material, mas também um capitalismo espiritual.

Hoje é igualmente expressão de confiança. É o *hoje* de Deus:

“Se recebes o pão de cada dia, cada dia é para ti hoje. Se Cristo está ao teu dispor hoje, todos os dias Ele ressuscita para ti. Como se dá isso? “Tu és meu filho, eu hoje te gerei” (Sl 2,7)” (S. Ambrósio, sacr.. 5,26).

O *hoje* é o *hoje* da ressurreição de Cristo (cf. liturgia pascal).

De cada dia: esta palavra em grego “epiousios” não é usada em nenhum outro lugar no Novo Testamento. Tomada em sentido *temporal*, ela é uma retomada *pedagógica do hoje* do Êxodo 16,19-22, de recolher o maná. Moisés mandara recolher para o dia de hoje e não guardar para o dia seguinte. Os que não deram ouvidos a Moisés e guardaram para o dia seguinte, colheram vermes e mau cheiro (Êxodo 16,19-20). Tomada em sentido *qualitativo*, significa o necessário para a vida, e, em sentido mais amplo, todo o bem suficiente para a subsistência. Literalmente “epiousios” significa *super essencial*. É super essencial para a vida. É o pão de cada dia *indispensável* para a vida do dia de hoje.

18. Perdoai-nos as nossas ofensas... aos que nos têm ofendido

Chama a atenção neste pedido que ele é o único ao qual Jesus volta no final da oração “pois se perdoardes aos homens os seus delitos, também o vosso Pai celeste vos perdoará; mas se não perdoardes aos homens, o vosso Pai também não perdoará os vossos delitos” (Mt 6,14-15) e desenvolve no Sermão da Montanha: “Se te lembrares junto do altar que o teu irmão tem algo contra ti, vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão” (Mt 5,23-24).

Para Deus Pai a mais bela obrigação é nossa paz, nossa concórdia, a unidade no Pai, no Filho e no Espírito Santo, de todo o povo fiel (São Cipriano). Ca-

racterística fundamental do cristão: *perdoar e perdoar sempre*. Para ser perdoado, é preciso perdoar (Lc 6,37).

19. Não nos deixeis cair em tentação

Que o Pai não nos deixe enveredar pelo caminho do pecado.

20. Mas livrai-nos do mal

“Não te peço que os tires do mundo, mas que os guardes do maligno” (Jo 17,15).

Este pedido leva-nos a pensar, assim Sto. Agostinho a Proba, que ainda não estamos naquele Bem em que não padeceremos de mal algum. Este pedido lembra-nos de nossa fragilidade. Estamos expostos a deixar de lado os nossos compromissos fundamentais. Aqui entregamo-nos a Deus também em nossas eventualidades negativas. Lançamo-nos com coragem nos braços de nosso Pai. Seria bom rezar o Sl 90 nesta luz de nossa confiança nas mãos de nosso Pai que não nos abandona. Podem vir flechas voando de todos os lados, epidemias, pestes, nada nos atingirá porque o Pai nos protege. Coloca-nos sob as suas asas.

21. Esta *segunda série* de pedidos coloca nossa miséria diante da graça do nosso bom Pai. Eles apresentam ao Pai as nossas expectativas e atraem o olhar do Pai das misericórdias. Partem de nós e dizem respeito a nós. Não escondemos o combate que temos que enfrentar para sermos vitoriosos em nossa vida. A própria oração é uma luta, um combate.

22. Pois vosso é o reino, o poder e a glória

Esta é uma fórmula de uma antiga liturgia cristã, que se encontra na Didacqué, nas Constituições Apostólicas, e que, ecumenicamente se acrescenta ao final do Pai Nosso, tanto mais que numerosos manuscritos a reproduzem. Em

nossa Liturgia atual, na Missa, ela segue ao embolismo: "Livrai-nos de todos os males, ó Pai...", após o Pai Nosso.

Essa fórmula retoma os três primeiros pedidos do Pai Nosso: glorificação do Pai, vinda do seu reino, o poder de sua vontade salvífica. Esta retomada ocorre em forma de adoração e de ação de graças como na Liturgia celeste (cf. Ap 1,6; 4,11; 5,13). O demônio atribuíra a si mentirosamente estes três títulos de realeza, de poder e de glória (cf. Lc 4,5-6). Cristo, o Senhor, os restitui a seu Pai e nosso Pai, até entregar-lhe o reino quando será definitivamente consumado o Mistério da salvação e Deus será tudo em todos (cf. Catecismo da Igreja Católica, 2855).

23. Amém: Assim seja! Que isto se faça. Tudo quanto está contido na oração que Jesus nos ensinou. É o nosso "Fiat" em relação aos 7 pedidos (cf. Catecismo da Igreja Católica, 2856,2865).

24. Há muitos textos no AT que fazem sentir a imensa misericórdia de Deus, e podemos dizer de Deus Pai considerando já no NT. Escolho três: um, do

profeta Isaías; no Cântico de Ezequias: "Lançaste atrás de ti todos os meus pecados" (Is 38,17); outro, do profeta Miquéias: "Qual Deus é como tu, que tiras a culpa e perdoo o crime, que não guardas para sempre a tua ira, porque preferes o amor? Manifesta novamente a tua misericórdia por nós, calca aos pés as nossas faltas e lança no fundo do mar os nossos pecados!" (Mq 7,18-19); o terceiro, ainda de Isaías: "Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem, eu não me esqueceria de ti" (Is 49,15). Deus Pai nos gravou nas palmas de sua mão (Is 49,16).

Creio que isto diz tudo. O Deus Pai rico em misericórdia nos ama muito mais do que nós somos capazes de amar a nós mesmos. E Ele só nos pode amar, já que por puro amor nos criou, por puro amor nos salvou. Como ainda duvidaríamos da bondade de um Pai que supera infinitamente na sua ternura, no seu carinho, na sua compreensão, a todos os pais?

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Que experiência você tem de Deus? Sente-o como seu Pai? Como seu Pai querido?
 2. O que é para você o Reino de Deus ou o Reino do Pai? Concorda com a identificação entre o "colocar Deus no coração das pessoas humanas" e o Reino de Deus?
 3. O que, espiritualmente, mais impressiona na oração do Pai Nosso?
-

Igreja Peregrina

“AO MESMO TEMPO SANTA E SEMPRE NA NECESSIDADE”
DE PURIFICAR-SE” (LG 8C)

PE. CLETO CALIMAN, SDB

Em tempos de passagem de milênio, quando a imaginação corre o risco de andar solta nas muitas trilhas do pluralismo religioso e da fragmentação, faz-se oportuna uma reflexão sobre o tema da Igreja peregrina. Nossos discursos sobre a Igreja oscilam entre o pessimismo alarmante e o otimismo triunfalista, vítimas de abordagens insuficientes sobre a realidade eclesial. Alguns se fixam na abordagem da Igreja como fenômeno social, ou seja, como instituição. Outros assumem um tom idealista, situando a Igreja acima da história, fora desse mundo submetido a mudanças permanentes. Entre uns e outros, há os que vêem a Igreja apenas na sua funcionalidade terapêutica, como instituição competente para gerenciar a religião, configurada para satisfazer as demandas e os desejos do indivíduo numa sociedade complexa, deixando no esquecimento a dimensão sócio-transformadora da fé cristã.

Neste contexto de compreensão fragmentada da Igreja nada mais adequado

do que retomar os ensinamentos do Concílio Vaticano II. Ele buscou uma compreensão realista e corajosa da Igreja, sem reduzi-la à história, mas também sem subtraí-la ao impacto do tempo. Articulou sua origem divina no mistério trinitário e sua inserção na história humana, à semelhança do Verbo Encarnado. Por isso a Igreja é chamada de *povo de Deus peregrino* “entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus”¹; entre o chamado ao seguimento humilde ao seu mestre e Senhor e as tentações da história.

A compreensão de Igreja que o Concílio nos ofereceu, a situa, antes de mais nada, como realidade *salva*, enquanto, na condição de peregrina, faz parte da humanidade que estava perdida. O Pai misericordioso vai ao seu encontro ainda quando estava longe². Como resposta ao amor do Pai, indo ao seu encontro em atitude de penitência e de renovação, ela se torna também realidade salvífica. Deste modo, ela é constituída na força do Espírito como *sacramento universal*

1. *Lumen Gentium*, 8d, citando Santo Agostinho, *De Civitate Dei*, XVIII, 51,2.

2. Cf. Lc 15, 20ss.

da salvação em Cristo³. Sob esse aspecto, a Igreja tem uma função soteriológica subordinada à função soteriológica de Jesus Cristo. Ela exerce essa função salvífica não por ela mesma, mas pela graça de Cristo pelo Espírito que a plenifica na história. Como sacramento da graça libertadora de Deus ela não pode, de forma alguma, ser conivente com o pecado, mas deve situar-se corajosamente em frontal oposição ao mistério do pecado⁴.

Para explicar essa subordinação ao mistério de Cristo, os antigos Padres da Igreja costumavam compará-la à lua. Eles falam da Igreja como "*mysterium lunae*". A Igreja é como a lua. Como sabemos, a lua não tem luz própria. Por ela mesma estaria na escuridão. A sua luminosidade que nos encanta vem do sol. A luminosidade, que a torna a Igreja sem mancha e sem ruga, vem do sol que é Jesus Cristo⁵.

1. A IGREJA PEREGRINA EM BUSCA DE SUAS RAÍZES TRINITÁRIAS

A Igreja é uma realidade complexa. Por mais que busquemos compreendê-la, não conseguimos chegar ao mistério profundo que ela expressa. O que vemos de imediato e o que podemos analisar é sempre o organismo social, a instituição jurídica, o corpo histórico. Como tal, ela é estudada pelas ciências humanas como a sociologia, a psicologia, etc.. Na sua for-

O Papa João Paulo II nos lembra ainda que o Jubileu do ano 2000 deve ser uma oportunidade única para aprofundarmos o tema da Igreja, como um passo a mais para a unidade dos cristãos, impelindo-nos "à conversão e à penitência, vivendo-o, por um lado em sua dimensão ecumênica como 'caminho de reconciliação'⁶. Além disso, a oportunidade do Jubileu deve abrir-nos à dimensão histórica da Igreja, fazendo uma *memória crítica* do passado, pois "carregamos o peso dos erros e culpas de quem nos precedeu"⁷, bem como o cansaço da longa caminhada de 2000 anos. O convite do Papa nos ajuda a buscarmos uma compreensão da Igreja enquanto enraizada no mistério da Trindade e, ao mesmo tempo, encarnada no tecido da história humana, marcada pelo pecado, renovando-se a si mesmo para a transformação do mundo segundo o projeto de Deus.

ma histórica, a Igreja é um fenômeno social com características religiosas que lhe são próprias e a diferenciam de outros grupos religiosos. Mais: formada de indivíduos com identidade histórica própria, com seus desejos, temores e patologias, a Igreja, muitas vezes, é vista, criticada e amada na camisa de força de preconceitos atávicos, reproduzidos sem autocrítica.

3. Cf. *Lumen Gentium*, 1.

4. Cf. STROTMANN T. "A Igreja como Mistério". Em: BARAÚNA G. *A Igreja do Vaticano II*, Vozes, 1965, p. 347-360. O autor fala de "dois mistérios antagônicos", o "mistério da piedade" e o "mistério da impiedade". A Igreja, como expressão do mistério da piedade, ou seja, da misericórdia do Pai, se defronta com o "mistério da iniquidade", o pecado do mundo. A Igreja, sob o signo da Cruz, da contradição, é chamada a viver o mistério da graça vitoriosa da vida nova, pela Ressurreição.

5. Cf. DE LUBAC, *Le Mystère de l'Eglise*, Aubier, Paris, 1954, p. 23. A Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium* 1, inicia justamente com esse pensamento: "Sendo Cristo a luz dos povos, este Sacrossanto Sinodo, congregado no Espírito Santo, deseja ardentemente anunciar o Evangelho a toda a criatura (cf. Mc 16,15) e iluminar todos os homens com a claridade de Cristo que resplandece na face da Igreja".

6. JOÃO PAULO II, *Incarnationis Mysterium*, 2b. Trata-se da bula papal de 29 de novembro de 1998, convocando os fiéis católicos para o grande Jubileu do ano 2000.

7. *Ibidem*, 11.

Por outro lado, devemos desenvolver, com realismo, honestidade e humildade, a capacidade de ver a realidade da Igreja sem camuflar suas limitações e falhas históricas, com a firme convicção de que é dentro dessa realidade histórica complexa que somos reunidos pelo chamado de Deus em Cristo, buscando um horizonte de sentido para a nossa existência na fé. A Igreja, como realidade do nosso mundo, tem também ela uma identidade histórica própria, expressa a busca de seus membros, seus desejos e patologias. Devemos ter sempre olhos para ver também um "outro lado"⁸, que lança sua luz pelas frestas de nossa pobreza, de nossas limitações. Esse "outro lado" devemos buscá-lo na fé. Por isso mesmo, a realidade eclesial não pode ser reduzida a mero objeto de análise das ciências humanas. A Igreja é como um texto, como é o texto da Bíblia. Por mais que se aplique à Bíblia as regras da exegese científica, como ferramenta crítica para compreender o texto, ela continua sendo para nós Palavra de Deus. Assim a Igreja, na sua figura histórica, com suas mazelas, suas "rugos e manchas", continua sendo expressão daquela luz que lhe vem de sua origem última, o mistério de Deus uno e trino.

Igreja da Trindade

É necessário, pois, entrar respeitosa-mente para esse espaço diferente daquele que nos acostumamos a ver na superfície dos acontecimentos históricos. O Concílio Vaticano II, antes de tratar da Igreja como "povo de Deus" e "instituição hierárquica", nos convida a "tirar as sandálias" para contemplá-la como "mistério". A Constituição Dogmática sobre a

Igreja, *Lumen Gentium*, nos diz que ela tem sua origem na comunhão trinitária⁹. O Deus de Jesus Cristo se nos dá a conhecer como "comunhão" do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Mais especificamente o Concílio se expressa com as palavras de S. Cipriano: a Igreja é como "o povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo"¹⁰.

Essa comunhão maravilhosa das pessoas divinas, como expressão do amor que circula na Trindade, abre-se na plena gratuidade do amor, como *comunhão missionária* para a vida do mundo. Por isso, dizemos que a missão do Filho e do Espírito Santo vão constituir a Igreja como sujeito coletivo dentro da história da salvação. De fato, "aprouve a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituí-los num povo, que o conhecesse na verdade e santamente"¹¹. Essa afirmação conciliar é importante, principalmente num tempo de individualismo exacerbado e de fragmentação. Nesse sujeito histórico chamado Igreja cada um de nós, pela graça do batismo, é constituído sujeito, mediante a inserção na morte e ressurreição do Senhor.

Passamos, pois, da comunhão trinitária para a comunhão eclesial. Mas antes de passarmos adiante é preciso esclarecer como a comunidade eclesial é constituída como "comunhão". Muitos intérpretes do Concílio afirmam que "comunhão" é a palavra-chave para definir a compreensão de Igreja que ele nos deixou. De fato, a Igreja é por essência comunhão, não por ela mesma — nem pelo conjunto dos batizados nem

8. Cf. DE LUBAC, H. *Méditation sur l'Église*, Aubier, Paris, 1954, p. 36: "Ce mystère a tout un côté lumineux".

9. Cf. KEHL, M. *A Igreja. Uma Ecclesiology Católica*, Loyola, 1997, pp. 59-96.

10. *Lumen Gentium*, 4.

11. *Lumen Gentium*, 9.

pelo ministério apostólico —, mas pelo poder do Espírito que procede do Pai e do Filho. É o Espírito Santo que torna possível a Igreja enquanto comunhão, ou seja, aquele “espaço” que possibilita a fé comunitária. Fora da ação do Espírito que o Senhor nos enviou não podemos falar de fé e, conseqüentemente, nem de Igreja.

A Igreja da nossa fé

As profissões de fé mais antigas já traziam a expressão “*credo (in) Ecclesiam*”, “creio (n)a Igreja”. Hoje continuamos rezando “creio na santa Igreja” como parte do artigo de fé no Espírito Santo. A Igreja é introduzida no Credo como a primeira obra do Espírito santificador, que condiciona e compreende as demais obras do Espírito: a comunhão dos santos, a remissão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna. Devemos estar atentos ao modo como se crê no Espírito Santo e ao modo como se crê na Igreja. O ato de fé propriamente dito dirige-se a Deus Uno e Trino. Credo no Espírito, cremos, por conseqüência, em suas obras. Não cremos na Igreja no mesmo sentido que cremos no Espírito Santo. A explicitação correta da fé pode ser assim expressa: cremos no Espírito Santo dentro da Igreja como “espaço” criado pelo mesmo Espírito para a realização da fé.

Na expressão de H. de Lubac, o ato de fé “é eclesial no seu modo e teológico no seu objeto e no seu princípio”¹². *Teológico* no seu objeto e no seu princípio porque o ato de fé, propriamente dizendo, é movido pela ação da graça divina, orientado para Deus e nele termina como sua plena realização. *Eclesial* no seu modo, porque, como seres históricos

que somos, precisamos de mediações para expressar o nosso ato de fé. Por isso somos chamados a seguir o caminho de Jesus e a viver nossa fé não como indivíduos “sem nenhuma conexão uns com os outros”, mas como povo de Deus¹³, em solidariedade histórica. O que se quer dizer é que a fé no Deus de Jesus Cristo implica necessariamente a visibilidade eclesial, na lógica da Encarnação.

O Concílio quis superar algumas abordagens insuficientes da Igreja que contrapunham as dimensões visível e invisível, humana e divina, misteriosa e institucional. Para isso é preciso desenvolver uma correta compreensão da Igreja que preserve tanto a distinção entre as suas dimensões fundamentais, sem redução, diminuição ou mistura entre elas, quanto a sua unidade indivisível. Como no passado, também hoje se apresentam maneiras de ver a Igreja que não respeitam as regras da linguagem da fé.

Começamos pela abordagem que podemos chamar de “*nestorianismo eclesiológico*”. O nestorianismo pensava a unidade entre o humano e o divino em Jesus como se fossem duas dimensões uma exterior à outra, uma fora da outra. Assim a Virgem Maria poderia ser mãe do homem Jesus de Nazaré, mas nada tinha a ver com o Verbo. Para corrigir essa compreensão deficiente de Cristo o Concílio de Éfeso (em 431) definiu que Maria é “*theotokos*”, mãe de Deus, porque mãe de Jesus Cristo, o Verbo Encarnado. Os Padres Conciliares de Éfeso manifestavam assim a fé da Igreja na unidade inseparável entre o humano e o divino em Jesus Cristo. Aplicando essa reflexão cristológica à Igreja, superamos aquela compreensão em que Igreja co-

12. DE LUBAC, H. *Méditation sur l'Église*, 1954, p. 25.

13. Cf. *Lumen Gentium*, 9.

mo *mistério* e Igreja como *instituição* são colocadas uma fora da outra. Os dois elementos ficam descolados um do outro. Assim pode-se aderir comodamente ao mistério da Igreja e desqualificar a dimensão institucional, jurídica e histórica. Declaro amor à Igreja espiritual sem me compreender solidário com a instituição e dentro dela. O Concílio, ao contrário, quer ver os dois elementos numa unidade inseparável onde o humano e o divino servem ao mesmo Espírito de Jesus Cristo.

Outra compreensão falha de Igreja é o assim chamado "*monofisitismo eclesiológico*". De novo aparece por trás dessa expressão uma compreensão errônea de Jesus Cristo. Monofisitismo (do grego: *mónos+physis*) uma só natureza em Jesus Cristo, não duas, a humana e a divina. A dimensão humana dilui-se na dimensão divina. A humanidade de Jesus perde-se na divindade. A unidade se faz na divindade às custas da humanidade. Anula-se a diferença entre a realidade divina e a humana para afirmar a unidade. Contra essa interpretação, a tradição da fé se expressou afirmando a diferença sem mistura entre o humano e o divino em Jesus Cristo. O elemento humano e o divino preservam sua especificidade, construindo a unidade na única pessoa do Verbo Encarnado. Fazendo isto, indicou, de certa forma, o modo como compreender a relação entre mistério e instituição na Igreja. O "*monofisitismo eclesiológico*" seria então aquela compreensão da Igreja que dilui a instituição no mistério, desvalorizando a Igreja como realidade histórica, em sua inserção na sociedade humana concreta, distancian-do-a do compromisso pela transforma-

ção do mundo. Para o Concílio *mistério* e *instituição* expressam duas dimensões da Igreja, distintas entre si, sem mistura e confusão e ao mesmo tempo intrinsecamente articuladas na Igreja para que ela possa servir à obra santificadora do Espírito de Jesus Cristo no mundo.

Para completar essa explicação, é necessário agora chegar a uma compreensão positiva da Igreja como *mistério* e *instituição* histórica, divina e humana, invisível e visível ao mesmo tempo. Para isso é preciso compreender essas duas dimensões dentro de um modelo que chamamos de "*dialógico*", capaz de nos ajudar a compreender que essas dimensões não entram em concorrência, uma contra a outra, como se o Espírito Santo estivesse em contradição consigo mesmo. Ao contrário, *mistério* e *instituição* se articulam para servirem ao mesmo Espírito a serviço de sua ação salvífica. Não há um agir salvífico do Filho e outro do Espírito nem um terceiro da Igreja. É o mesmo agir do Filho e do Espírito que adquire visibilidade histórica na Igreja e pela Igreja¹⁴. É neste sentido que se expressa o Concílio Vaticano II: "O organismo social da Igreja serve ao Espírito de Jesus Cristo"¹⁵. Como organismo social a Igreja está dentro do mundo e não fora dele. Mas se coloca dentro do mundo de maneira específica, ou seja, como expressão sacramental da salvação de Deus. É a partir dessa inserção no *mistério* divino da Trindade que a Igreja pode oferecer o serviço da fé ao mundo, tanto pela crítica profética quanto pelo anúncio libertador.

Na verdade, compreender a Igreja a partir da Trindade significa compreendê-

14. Gregório de Nazianzo (Séc. IV) explicava que a natureza humana e divina em Jesus Cristo concorrem para a mesma ação, no grego, *syndramousai*. Realizam o mesmo "drama", ou seja, a mesma ação. Cf. *Mysterium Salutis* III/3, Vozes, 1973, p. 45.

15. *Lumen Gentium*, 8a.

la no interior do processo de autocomunicação de Deus como diálogo salvífico. Não podemos, pois, crer no Deus de Jesus Cristo sem a Igreja. Ela expressa histórica e visivelmente a ação salvífica de Deus no mundo. Podemos compreender essa função da Igreja como expressão visível da salvação de duas formas¹⁶.

Uma primeira concepção é a *sacramental*, pela qual a Igreja é apresentada como "corpo de Cristo". Assim como o nosso corpo nos faz presentes uns aos outros, do mesmo modo a Igreja faz presente Cristo pelo Espírito e sua salvação ao mundo. O Concílio assim descrevia essa dimensão: "A Igreja é, em Cristo, como que o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano"¹⁷. Neste sentido, pode-se pensar a Igreja à semelhança do mistério da Encarnação. Pela Encarnação o ser humano Jesus, realidade visível e palpável, e o Verbo eterno, realidade divina invisível aos nossos olhos, formam uma única realidade que, na tradição chamamos de pessoa. Assim dizemos que a dimensão humana e divina em Jesus Cristo são distintas entre si, mas inseparáveis na unidade indivisível da pessoa. Trazendo esse raciocínio para a compreensão da Igreja, podemos dizer que a realidade visível da Igreja, o fenômeno social, que na nossa linguagem chamamos de 'eclesial' — sua dimensão humana —, perceptível aos nossos olhos, e a realidade invisível, que é a "comunidade espiritual" (no sentido forte do termo), formam uma única realidade no Espírito. Essas duas dimensões são distintas entre si, mas inseparáveis uma da outra,

porque *as duas* estão marcadas pelo selo do Espírito.

A segunda concepção da Igreja é a *carismática*. Como hoje se usa e se abusa dos termos "carisma" e "carismático", é bom definir melhor o contexto no qual se deve compreender a dimensão carismática da Igreja. O termo "carisma" vem da língua grega e significa dom, graça. Essa concepção nos reporta ao dom que Jesus Ressuscitado faz do seu Espírito, que o animou na sua vida e pregação do Reino, e que impulsiona a comunidade apostólica, antes medrosa e fechada sobre si, para enfrentar com coragem o desafio da pregação do Evangelho em todo o mundo. Os carismas, pois, são sinais "da presença operosa do Espírito de Cristo"¹⁸. O próprio Concílio nos ajuda a compreender o modo como esse dom nos chega: "Jesus deu-nos de seu Espírito, que sendo um só, é o mesmo na cabeça e nos membros"¹⁹. Essa reflexão nos ajuda a compreender como o Espírito Santo constrói a unidade entre o humano e o divino, entre a instituição e o mistério na Igreja para nos tornar aptos a testemunhar com nossa vida o Reino de Deus.

O tesouro e o vaso de argila

A Igreja que professamos no Credo como santa, na sua forma histórica apresenta-se também como pecadora. Já o Apóstolo Paulo adverte-nos que trazemos o grande tesouro do Evangelho de Jesus Cristo, poder de Deus, "em vasos de argila, para que esse incomparável poder seja de Deus e não de nós"²⁰. O tema da Igreja peregrina à luz do Evangelho de Jesus Cristo nos faz refletir sobre dois aspectos importantes da

16. Cf. MÜHLEN, H. *Fé cristã renovada*, Loyola, 1980, pp. 155-163.

17. *Lumen Gentium*, I.

18. Cf. MÜHLEN, -H. *A fé renovada*, Loyola, 1980. p. 160.

19. *Lumen Gentium*, 7g.

20. Cf. 2Cor 4,7.

compreensão da Igreja dentro do mundo. Por um lado, o que poderíamos chamar de "exterioridade de origem e de destino". Quer dizer: a Igreja não é o princípio dela mesma. Ela é dom trinitário para a salvação do mundo. Também não é o fim de si mesma, mas caminha pela história rumo ao seu destino escatológico. Por outro lado, ela deve ser compreendida em sua plena historicidade, em sua realização no mundo. Essa dimensão de plena historicidade decorre do mistério da encarnação, da qual ela é sacramento. Na fragilidade de nossa história acontece o grande mistério de um Deus solidário conosco.

a) Igreja peregrina

Neste ponto seguimos o precioso texto de *Lumen Gentium* 8c, texto este carregado de espiritualidade cristológica e eclesial. Nele estão articulados, sob a chave do *seguimento*, Cristo e a Igreja. Vamos acompanhar as quatro partes do texto:

1. "Assim como *Cristo* consumou sua obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a *Igreja* é chamada a seguir o mesmo caminho a fim de comunicar aos homens os frutos da salvação."
2. "*Cristo* Jesus, 'como subsistisse na condição de Deus, despojou-se a si mesmo, tomando a condição de servo' (Fl 2,6) e por nossa causa 'fez-se pobre embora fosse rico' (2Cor 8,9): da mesma maneira, a *Igreja*, embora necessite de bens humanos para executar sua missão, não foi instituída para buscar a glória terrestre, mas para proclamar, também pelo seu próprio exemplo, a humildade e a abnegação."
3. *Cristo* foi enviado pelo Pai para 'evangelizar os pobres, sanar os contritos de coração' (Lc 4,18), 'procurar e salvar o que tinha perecido' (Lc 19,10): semelhantemente a *Igreja* cerca de amor todos os afligidos pela fraqueza

humana, reconhece mesmo que pobres e sofrendores a imagem de seu Fundador pobre e sofredor. Faz o possível para mitigar-lhes a pobreza e neles procura servir a Cristo."

4. "Mas enquanto *Cristo* 'santo, inocente, imaculado' (Hb 7,26), não conheceu o pecado (cf. Hb 5,21), mas veio para expiar apenas os pecados do povo (cf. Hb 2,17), a *Igreja*, reunindo em seu próprio seio os pecadores, ao mesmo tempo santa e sempre na necessidade de purificar-se, busca sem cessar a penitência e a renovação."

Esse texto é um programa de espiritualidade eclesial. Igreja só se compreende como seguimento de Jesus, em seu caminho, na distância respeitosa que deve haver entre o mestre e os seus seguidores. A categoria do seguimento estabelece que tipo de relação deve haver entre a Igreja e Cristo. Ela é uma relação fundante, de origem, sem a qual a Igreja não existe como tal. Essa relação, porém, deve conservar a diferença que existe entre o Mestre e os discípulos. Assumir o caminho de Jesus é para a Igreja condição imprescindível para que ela realize sua função soteriológica fundamental, subordinada à de Cristo, de comunicar aos homens os frutos da salvação.

O *primeiro passo* do seguimento é o despojamento de si, o desvestir-se de si mesmo, o esvaziar-se de si mesmo, dos próprios interesses, para assumir a "condição de servo". Foi o que fez o Senhor: "fez-se pobre, embora fosse rico". A Igreja não pode ficar prisioneira de suas próprias seguranças, das glórias do passado. O triunfalismo é, por sua própria natureza, antieclesial. Por ele se nega a condição do seguimento humilde e abnegado do Senhor. Se cada qual pensa só no próprio interesse, na própria honra, no próprio status, enfim, em si mesmo, o caminho da reconciliação se tor-

na impossível. A comunhão eclesial e o diálogo ecumênico e inter-religioso só é possível pelo caminho do Êxodo, da saída da servidão aos próprios interesses, pela renúncia a vantagens históricas presumidamente alcançadas frente aos outros. A pobreza a que se refere o texto paulino de 2Cor 8,9, como nota Jacques Dupont, não significa simplesmente a privação de bens materiais, mas a "renúncia a todas as vantagens pessoais"²¹.

O despojar-se de si mesmo, dos próprios interesses, não tem sentido em si mesmo, mas em vista da missão. Esse é o *segundo passo*: ser Igreja significa então ser enviado para "evangelizar os pobres, sanar os contritos de coração", como Cristo. Há três aspectos que, na recente tradição da Igreja na América Latina, devem ser sublinhados. Primeiro, trata-se de viver o mandato fundamental de Cristo, de amar o outro, em especial os "afligidos pela fraqueza humana". Nesta categoria se encontram os muitos rostos dos pobres. Segundo, somos convidados a reconhecer nos pobres a imagem de Cristo "pobre e sofredor". Terceiro, "servir a Cristo", servindo aos pobres.

O despojamento de si e o serviço aos outros não nos devem tornar orgulhosos de nós mesmos, distanciando-nos dos demais. O fato de sermos cristãos não nos faz melhores ou mais perfeitos que os outros. Implica sim maior responsabilidade nossa para testemunhar o amor de Deus para com nossos irmãos. Em vista disso, o *terceiro passo* da comunidade eclesial consiste em reconhecer-se peregrina, perseguindo o caminho de Jesus Cristo pelos caminhos dos homens e mulheres na história de graça e pecado. Esse passo nos conduz a uma consi-

deração mais aprofundada da realidade do pecado na Igreja.

b) A Igreja peregrina "busca sem cessar a penitência e a renovação"²²

Não é difícil constatar que nós católicos nos últimos séculos, pelo menos desde a reforma protestante do século XVI, tivemos dificuldade de pensar o pecado na Igreja. Desenvolvemos nossa visão de Igreja em confronto com o protestantismo. Os nossos irmãos na fé, foram profundamente marcados pela "teologia da cruz", crise do mundo e de suas manifestações pecaminosas. Assim o protestantismo desenvolveu uma eclesiologia pessimista, considerando a Igreja visível irremediavelmente *pecadora*, negando-lhe o caráter de mediação salvífica. Por ela não passa a graça. A verdadeira Igreja de Cristo seria invisível, só reconhecida por Deus no coração dos fiéis.

Por outro lado, a eclesiologia católica tomava outro rumo. Tendo como ponto de partida a "teologia da glória", acentuou a visibilidade histórica da Igreja e de suas instituições, alimentando o triunfalismo de quem já se considera o senhor da verdade. Constituída que é, a partir de seu Fundador, a Igreja em sua realidade histórica, juridicamente organizada, é *santa*, imutável e irreformável, mesmo se dentro dela alguns membros sejam pecadores. A Instituição, enquanto, tal ficaria isenta de pecaminosidade.

O Concílio Vaticano II procurou superar essa compreensão esquizofrênica de Igreja, considerando o tema da "Igreja dos pecadores", inserido no tema da "Igreja peregrina". O tema da "Igreja santa" pode assim ser trabalhado de forma articulada com o outro, presente na tradição patrís-

21. Cf. DUPONT, J. "A Igreja e a Pobreza". Em: BARAÚNA G. (org.), *A Igreja do Vaticano II*, Vozes, 1965, p. 435.

22. Cf. RAHNER, K. "O pecado na Igreja". Em: BARAÚNA G. (org.), *A Igreja do Vaticano II*, Vozes, 1965, pp. 453-469.

Seguimos de perto a reflexão de Rahner neste ponto.

tica, da Igreja "casta meretriz"²³, ou seja, da "Igreja pecadora". Assim o Concílio encaminhou uma compreensão de Igreja que nos ajuda a superar o fosso que ainda persiste entre a visão protestante e católica.

É ilustrativo o nº 48 da *Lumen Gentium*, no capítulo que trata justamente da "índole escatológica da Igreja peregrina e sua união com a Igreja celeste". Aí se distingue a Igreja enquanto realidade histórica, a caminho, da Igreja consumada na glória. Na sua caminhada histórica "a Igreja é assinalada com a verdadeira santidade, embora imperfeita". E continua: "Até que houver novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça (cf. 2Pd 3,13), a Igreja peregrina leva consigo — nos seus sacramentos e nas suas instituições, que pertencem à idade presente — a figura deste mundo que passa e ela mesma vive entre as criaturas que gemem e sofrem como que dores de parto até ao presente e aguardam a manifestação dos filhos de Deus (cf. Rm 8,19-22)". Fica claro que a Igreja não pode passar pela história, assimilando formas históricas de organização, definindo a instituição em sua maneira de agir, sem deixar-se, de certa forma, contaminar pelas limitações que lhe são inerentes, sem "sujar as mãos"!

Na verdade, segundo o Concílio, a Igreja é sujeito histórico "da penitência e da renovação" (LG 8c) porque é também sujeito histórico do pecado e da culpa. Esses dois aspectos estão relacionados entre si. A realidade do pecado faz parte da vida da Igreja que ainda não chegou à sua plena consumação, vivendo a "verdadeira santidade", mas imperfeita.

Podemos dizer, pois, que tanto os santos quanto os pecadores "co-determi-

nam" a qualidade da vida eclesial, uma vez que eles expressam tanto a santidade quanto a fragilidade do testemunho de fé. O pecado não é uma abstração dentro da Igreja. Ele existe e torna o sacramento da salvação menos transparente, mais opaco, enfraquecendo a força de significação do mistério da salvação. Enquanto peregrina, a santidade da Igreja é sempre santidade ameaçada pela tentação, pela tribulação, pelo pecado. Por isso ela deve, cada dia, situar-se diante do seu Senhor. "Andando através de tentações e tribulações, a Igreja é confortada pela força da graça de Deus prometida pelo Senhor, para que na fraqueza da carne não decaia da perfeita fidelidade, mas permaneça digna esposa do seu Senhor e, sob a ação do Espírito Santo, não deixe de renovar-se a si mesma, até que pela cruz chegue à luz que não conhece ocaso" (LG 9c).

Desta reflexão pode-se concluir que o pecado na Igreja e da Igreja é uma realidade de sua história. Essa constatação não nos deve deixar perplexos, medrosos frente aos desafios do mundo de hoje. A afirmação da Igreja como realidade histórica submetida ao pecado vem junto com outra mais forte e animadora da santidade indestrutível da Igreja, baseada na presença do Espírito e no primado da graça sobre o pecado. A graça de Deus é mais forte do que o pecado e opera constantemente para que a Igreja seja espaço privilegiado de "solidariedade na salvação", uma verdadeira "comunhão dos santos" em sua condição peregrinante.

A Igreja, "reunindo em seu seio os pecadores", é "comunidade de pecadores". Mas enquanto reunida e organizada por obra de Jesus Cristo pelo Espíri-

23. Cf. BALTHASAR, U. von, *Casta Meretrix: Sponsa Verbi*, Einsiedeln, 1961. O autor mostra justamente que não passava pela cabeça dos Padres da Igreja antiga que a Igreja, sendo *Sponsa Verbi*, estivesse automaticamente livre do pecado. Ao contrário, eles a viam sempre ameaçada pelo mal, no dever de mostrar concretamente sua fidelidade ao Esposo.

to, essa "comunidade de pecadores" é constituída sinal e instrumento de salvação. Para o ano 2000 somos convidados a celebrar o nascimento do Filho de

Deus no espírito penitencial do jubileu conforme a tradição bíblica para merecermos a graça de sermos testemunhas fiéis do Senhor.

2. A IGREJA PEREGRINA CELEBRA O NASCIMENTO DO FILHO DE DEUS

Às portas já do terceiro milênio, os cristãos estamos em festa, não por nós mesmos, nem mesmo pela Igreja, mas por Jesus Cristo, confessado como Filho de Deus e Senhor. Longe de nós o espírito ufanista. Estamos fazendo 2000 anos de história. Nós nos alegamos por isso, mas queremos fazê-lo em coerência com a mensagem bíblico-cristã, buscando a penitência e a renovação em vista de um compromisso claro e inequívoco com a transformação do mundo, em defesa da vida²⁴.

O jubileu se inscreve na tradição bíblica do sétimo dia, o *sábado*, como dia do descanso de Javé. Esse dia de descanso foi instituído com o objetivo de estabelecer a consciência da corresponsabilidade do ser humano no cuidado da criação boa de Deus e de humanizar o trabalho. Pode-se imaginar o que significa o trabalho escravo a que foram submetidos os hebreus tanto no Egito quanto em Babilônia. O sábado foi reservado para ser um dia livre em tempo de trabalho escravo, com a finalidade de reconstruir a consciência histórica do povo, cultivar a fé, enfim, em vista da identidade do povo. Em cima deste objetivo explicitamente social, houve mais tarde uma releitura sacerdotal, ligada ao culto, no tempo pós-exílico.

Também o sétimo ano de uma semana de anos era sabático, para o descan-

so da terra em benefício dos pobres, que podiam livremente colher dos frutos da terra para se alimentarem. Ao tratar da restauração do ano sabático, após o cativo da Babilônia, Isaías 61,1-2 reage à tendência sacerdotal que priorizava a reconstrução do templo, enquanto o profeta queria a reconstrução da vida do povo: "O espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu; enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, a curar os quebrantados de coração e proclamar a liberdade aos cativos, a libertação dos que estão presos, a proclamar o ano aceitável a Javé e um dia de vingança do nosso Deus, a fim de consolar todos os enlutados". Esse texto foi retomado por Jesus na sinagoga de Nazaré e se transformou em programa de seu ministério. Aí se enumera o que deve acontecer no ano sabático, o que realmente deve nos trazer alegria, júbilo. A boa nova aos pobres é a cura do seu coração sofrido, a liberdade para os que ficaram escravos por causa de suas dívidas, para os que estão presos, etc. Só assim o ano sabático será aceitável a Javé.

Depois de sete semanas de anos, ou seja, quarenta e nove anos, vem o ano jubilar, quando se dava descanso à terra, se recuperavam as terras perdidas ou alienadas por causa das dívidas e se dava liberdade aos escravos. Como se pode

24. Nesta parte nos inspiramos num belo artigo de Pablo RICHARD, *Jubileo y Liberación desde los pobres de América Latina*, que se encontra na página da internet <http://www.uca.edu.ni/koinonia>. Aí se publica uma revista eletrônica com quase duas centenas de artigos à disposição dos internautas. No artigo P. Richard recolhe a tradição bíblica do jubileu do Antigo e do Novo Testamentos, confronta-se com a *Tertio Millennio Adveniente* e, por fim, trabalha o tema numa perspectiva libertadora.

ver, o objetivo do ano jubilar era restabelecer a igualdade e a justiça, destruídas pelas injustiças e pelas dívidas.

No Novo Testamento faz-se a leitura cristã do jubileu. Esse passo é realizado pelo reconhecimento de que Jesus de Nazaré se manifesta como Messias, o Cristo, o Filho de Deus. No grande jubileu festejamos o mistério da encarnação, quando a Palavra faz-se carne, história, revelando-nos não um Deus distante e indiferente à nossa pequenez, aos nossos sofrimentos, mas um “Deus-conosco”, Emanuel, que está junto do seu povo. O Deus que Jesus nos revela é, pois, um Deus próximo, solidário conosco.

Jesus vem inaugurar um novo tempo, o tempo messiânico, com a proclamação solene que se encontra em Lucas (4,18-19), do ano da graça, no qual se derrama sobre a humanidade o *shalom* de Javé, a sua paz. O verdadeiro jubileu da família humana é a encarnação do Filho de Deus para a nossa salvação. Esse evento libertador traz consigo uma exigência histórica de reconciliação pelo restabelecimento da igualdade e da justiça para que haja realmente “um céu novo e uma nova terra” (Ap 21,1).

Nesse sentido, o que nos pede o Papa²⁵, na carta apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, para essa grande data? Como devemos nos preparar como Igreja “ao mesmo tempo santa e sempre na necessidade de purificar-se”? No espírito do tema que nos ocupa, recordamos três pontos para a nossa meditação:

1. Devemos nos preparar reconhecendo o *pecado na Igreja*, assumindo que muitos “se afastaram do espírito de Cristo e do seu Evangelho, oferecendo ao mundo, em vez do testemunho de uma vida inspirada nos valores da fé, o espetáculo

de modos de pensar e agir que eram verdadeiras *formas de antitestemunho e de escândalo*” (nº 33. Grifo do texto). Não será difícil percorrer os 2000 anos de história e descobrir tantas falhas que mancharam a Igreja. Há alguns “pecados que requerem maior empenho de penitência e conversão”. Aqui se situam aqueles que atentam contra a unidade dos cristãos, ou seja, “que prejudicaram a unidade querida por Deus para o seu povo” (nº 34). Devemos pedir, pois, a unidade, dom do Espírito, visando superar principalmente as divisões do segundo milênio, buscando com humildade o diálogo ecumênico.

Outro pecado do qual devemos, como Igreja, buscar sincero arrependimento “é a condescendência manifestada, especialmente em alguns séculos, perante *métodos de intolerância ou até mesmo de violência no serviço à verdade*” (nº 35. Grifo do texto). O espírito da intolerância e do “sufocamento da opinião de outrem” não são privilégios do passado. Também hoje podemos observar a emergência do fundamentalismo entre os cristãos, tornando a tarefa da reconciliação mais difícil. Diante dessa tendência, devemos lembrar que a verdade não se impõe pela violência física ou simbólica, mas por sua própria força, manifestada no testemunho de vida dos cristãos.

Enfim, o Papa lembra da responsabilidade que cabe a nós, como cristãos “nos males do nosso tempo” (nº 36). Entre esses males, enumera a indiferença religiosa, a perda do sentido transcendente da existência humana, com conseqüências nefastas para o cuidado da vida humana e dos seus valores éticos. Como negar que também na Igreja, às vezes, os direitos humanos são desrespeitados e não apenas por regimes autoritários?

25. Recordamos alguns pontos importantes que o Papa lembrou em sua Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, ainda em 1994.

C O R P O R A T I V O S

2. O segundo ponto para a celebração do jubileu é manter viva a *memória dos mártires*. São os que deram sua vida pela fé. Não podemos esquecer os nossos mártires de todos os tempos. Diz o Papa que o sangue dos mártires tem uma "eloqüência ecumênica". O martírio fala para além das divisões confessionais que "engessaram" a Igreja de Cristo durante tantos séculos, esgotando seu dinamismo evangelizador e seu testemunho em querelas confessionais. Neste ponto vale lembrar que "o *ecumenismo dos santos*, dos mártires, é talvez o mais persuasivo. A *communio sanctorum* fala com voz mais alta que os fatores de divisão" (nº 37. Grifo do texto). Na América Latina fazer a memória dos mártires significa também atualizar o nosso martirologio, lembrando de tantos irmãos na fé que deram sua vida pela causa da justiça, em defesa dos direitos humanos e da liberdade, em nome do Evangelho.

3. Um terceiro aspecto a ser sublinhado na proposta do Papa é justamente o de uma vivência cristã atenta ao mistério central do cristianismo, o *mistério da Trindade*, lembrado no tríduo que estamos fazendo para o grande jubileu. Essa atenção ao mistério trinitário pode ser resumida em três direções bem articuladas. Atenção ao mistério da Palavra viva, Jesus Cristo, revelador do Pai e solidário conosco. Atenção à vida no Espírito santificador, que nos dá constantemente seus dons, libertando-nos do pecado para o testemunho do Deus

que é amor. Atenção ao grande Amor solidário do Pai para conosco. Ele, a fonte da vida, não a reserva para si. Ele não é um Pai egoísta e solitário, mas tem o jeito do Pai o da parábola evangélica do filho pródigo. Antes que o filho lhe peça perdão, ele já "correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos". Depois, manda buscar túnica nova, matar o novilhinho gordo e fazer a festa da libertação.

Como festejar o jubileu na América Latina, marcada por um cristianismo ambíguo, que chegou com os conquistadores, mas que também tem seus momentos fortes de solidariedade com os pobres do continente? Como celebrar em solidariedade com os excluídos que vivem como estranhos em sua própria terra?

Que o Jubileu seja celebrado com o mesmo espírito com que Jesus inaugura o Reino messiânico, um grito de esperança que seja um "basta" no sistema de exclusão social que destrói a vida dos pobres, um "basta" no sistema que gera o processo de globalização econômica injusta e desigual, marginalizando os países mais pobres, largados à própria sorte e enredados com dívidas impagáveis. Seja um "basta" na exploração predatória da natureza e na aplicação destrutiva do saber científico e técnico. Seja um anúncio alegre da boa nova do Reino. A Igreja na América Latina, para ser coerente com o Evangelho, deve continuar discernindo a realidade a partir dos pobres, à luz do mistério de Deus que a ilumina, e colocar-se a *serviço da Vida*.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Que fazer, como comunidade religiosa, a fim de poder celebrar o jubileu na América Latina, superando divisões, contradições e exclusões geradas e mantidas ao longo destes cinco séculos de evangelização?
2. Reflita em comunidade sobre os passos do seguimento de Jesus na realidade conflitiva de hoje.
3. Aprofunde na comunidade o que significa celebrar o nascimento do Filho de Deus como Igreja peregrina.

“A Igreja na América”: Comunhão e Missão

PE. MÁRIO DE FRANÇA MIRANDA, SJ

1. INTRODUÇÃO

A Igreja da América recebeu, com a Exortação Apostólica Pós-Sinodal “*Ecclesia in America*”, que recolhe os frutos do Sínodo da América, um valioso incentivo pastoral de João Paulo II. A riqueza deste documento, constituída pelos inúmeros temas abordados e pelas linhas pastorais apresentadas, impede uma adequada avaliação numa única exposição. Este fato deve ser reconhecido logo de início.

Deste modo confessamos não nos ser possível tratar todas as diferentes e valiosas contribuições presentes no texto. O que nos obriga a escolher uma linha de fundo, uma perspectiva central, que ordene, estruture, enlace e sistematize o abundante material desta exortação. Em torno desta coluna dorsal alguns temas serão naturalmente mais enfatizados do que outros.

Este fato não desvaloriza nossa exposição, que pretende apenas ser um estímulo para o debate posterior sobre as opções pastorais do CELAM a partir desta exortação. Aí então certamente serão corrigidos os silêncios e as lacunas desta exposição.

Por outro lado o fio condutor de nossa reflexão não foi uma escolha arbitrária, pois se fundamenta no momento histórico que vivemos. De fato o continente americano apresenta hoje características inéditas, do ponto de vista sociocultural e religioso, que o distinguem claramente de outras partes do mundo. Referimo-nos às etnias múltiplas e aos diferentes grupos humanos que convivem em seu seio (EcA n.32), ao substrato comum cristão de sua população (EcA n. 14), ao fato de que constitui a maioria dos membros da Igreja Católica. Tudo isto confere certa originalidade ao continente americano e, sobretudo, estimula sua responsabilidade diante das outras regiões do planeta, ou secularizadas e vítimas da indiferença religiosa, ou adeptas de outras religiões e crenças.

Não haveria, na confluência de todos estes fatores, um apelo de Deus à América para que viva sua fé com mais ardor e autenticidade e tome uma maior consciência de sua responsabilidade diante da humanidade? Um apelo de Deus para que a América faça o mundo, tão dividi-

do em nossos dias, conhecer ser possível a pacífica convivência das raças, tradições culturais, mentalidades e crenças religiosas? Um apelo de Deus para que, evangelizada por outros, a América retribuía a graça recebida, assumindo sua vocação missionária frente à humanidade? O grito de João Paulo II pela Nova Evangelização, que quis intencionalmente marcar um novo início da atividade pastoral da Igreja, não se deu exatamente no continente americano (EcA n.6), devendo portanto inaugurar uma nova etapa na história da Igreja na América? Não significa esta iniciativa do Sumo Pontífice um apelo de Deus? Não encontramos uma confirmação deste apelo, quando João Paulo II afirma ser a Nova

Evangelização "o tema de fundo" (EcA n.6) das Assembléias Sinodais?

O eixo central escolhido por João Paulo II para a missão atual da Igreja será também o nosso. Não se trata de re-evangelizar (EcA n.6), mas de inaugurar uma ação inédita, um programa novo "em seu entusiasmo, em seus métodos, em sua expressão" (EcA n.66). E o papa afirma claramente que sua iniciativa se deve à "singularidade e novidade da situação em que o mundo e a Igreja se encontram" (EcA n.66). Aqui poderíamos acrescentar: este fato pede que tenhamos uma consciência nova de nossas riquezas e de nossa responsabilidade. No fundo estamos falando de um novo projeto eclesial para a América.

2. O PONTO DE PARTIDA: ENCONTRO COM JESUS CRISTO VIVO

Ao afirmar ser o encontro com Jesus Cristo vivo o caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América, a Exortação Pós-Sinodal apenas retoma e valoriza um dado fundamental do Novo Testamento. Pois, verdadeiramente, o cristianismo nasceu do encontro dos primeiros discípulos com Jesus Cristo. Mesmo tendo um conhecimento insuficiente de sua pessoa, o qual somente chegaria à plenitude depois de sua ressurreição pela ação do Espírito Santo, os discípulos tiveram com Jesus Cristo uma experiência de salvação, que marcaria suas vidas. Nas palavras simples de Simão Pedro: "Senhor, tu tens palavras de vida eterna" (Jo 6,68).

Esta experiência salvífica no encontro com Jesus Cristo irá se explicitar ao longo do Novo Testamento numa série de verdades e práticas que constituem a fé cristã. Imagem de Deus, comunidade dos fiéis, profissões de fé, princípios éticos, dados escatológicos, sentido da criação e da história, eis alguns elemen-

tos essenciais que determinam nossa fé e que brotaram de uma experiência mais original.

Digamo-lo claramente: nossa fé se apóia, em última instância, na experiência com Deus que, através de seu Espírito, nos capacita crermos em Jesus Cristo (1Cor 12,3). Esta verdade deveria ser levada mais a sério na atividade pastoral da Igreja, freqüentemente mais preocupada com as expressões doutrinárias, os planos pastorais, os compromissos sociais. Tudo isto é necessário, mas recebe sua legitimidade, autenticidade e mesmo eficácia da experiência salvífica com Cristo, que é a fonte primeira das expressões cristãs.

Podemos e devemos afirmar que a finalidade última da missão da Igreja não é a de anunciar verdades salvíficas ou apenas proclamar o Cristo Ressuscitado. Pois evangelizar significa primeiramente levar nossos contemporâneos a um encontro pessoal com Jesus Cristo (EcA n.68), a uma experiência pessoal de sal-

vação, que nós já fizemos e por isso mesmo estamos hoje aqui reunidos. Esta experiência é que dá solidez ao compromisso cristão, ainda que se expresse com muita simplicidade, como nos atesta a profunda fé presente na religiosidade popular da América Latina. Corremos o perigo de nos entretermos com os meios e perdermos de vista o fim.

Daqui segue que o institucional deve estar a serviço do salvífico. Se não podemos prescindir do ensinamento, da administração, do planejamento, da celebração, da assistência, da responsabilidade social, então é fundamental que a experiência salvífica com Cristo da qual nascem, na qual se sustentam e para a qual se dirigem, esteja viva na consciência do Povo de Deus.

Isto implica que toda pastoral deveria ser mistagógica, que toda catequese leve "a pessoa a abraçar Cristo" (EcA n.69), que a oração esteja presente "nas paróquias, nas comunidades e no âmbito dos movimentos" (EcA n.29), que a pastoral dos jovens os possibilite "encontrar hoje a Jesus Cristo vivo" (EcA n.47), que "a eucaristia seja o lugar privilegiado para o encontro com Cristo vivo" (EcA 35), que "as experiências de comunhão episcopal" sejam "entendidas como encontros

com Cristo vivo" (EcA n.37) e, sobretudo, que nos convençamos estar nesta experiência primordial "a força transformadora" que desencadeia "um autêntico processo de conversão, comunhão e solidariedade (EcA n. 8).

É esta experiência salvífica com Jesus Cristo que justifica o contato assíduo com a Sagrada Escritura, que assinala o sentido da celebração litúrgica e que fundamenta a opção preferencial pelos pobres (EcA n.12).

O encontro com o Senhor transforma profundamente o ser humano que O acolhe (EcA n.68), pois aderir a Cristo é acolher sua existência. "Segui-lo implica viver como Ele viveu, aceitar sua mensagem, assumir como próprios seus critérios, abraçar seu destino, partilhar seu projeto" (EcA n.68).

Mas não conseguimos assumir de uma vez a existência de Jesus Cristo. Daí ser a conversão uma tarefa que se realiza na vida cotidiana, guiada pelo Espírito Santo (EcA n.29), e um compromisso permanente do cristão (EcA 28). Conversão implica para pastores "uma autêntica identificação com o estilo pessoal de Jesus Cristo", marcado pela simplicidade, pobreza, disponibilidade e renúncia às vantagens (EcA n.28).

3. UMA PROCLAMAÇÃO ATIVA DO QUERIGMA

O encontro com Jesus Cristo vivo nos leva a comunicar aos outros a experiência salvífica que tivemos (EcA n.68). Aqui está "o ponto de partida deste programa de evangelização" (EcA n.3). Contudo esta proclamação do evento salvífico Jesus Cristo deve ter no ardor e no entusiasmo uma característica de novidade.

Habitados a um catolicismo hegemônico no passado, quando então a Igreja, sobretudo na América Latina, era fortemente apoiada pelo contexto socio-

cultural envolvente, perdemos um pouco daquela militância ativa, daquele espírito de conquista, daquele ardor missionário que é peculiar à fé cristã.

Hoje a Igreja está inserida numa sociedade pluralista, com múltiplas fontes de sentido que aparecem como concorrentes, relativizando e enfraquecendo sua mensagem. Além disso o mapa religioso do continente americano apresenta uma variedade enorme de grupos religiosos, cristãos e não cristãos, alguns

deles fortemente proselitistas, que exercem forte atração entre muitos católicos. Poderíamos ainda acrescentar que a grande quantidade de discursos éticos e religiosos, facilmente observados em nossos dias, acarreta profunda insegurança em nossos contemporâneos, que carecem de referenciais firmes, não descartáveis, para estruturar suas vidas e construir suas personalidades.

Ao afirmar que nesta situação "a fé não pode ser pressuposta, mas deve ser explicitamente proposta em toda a sua amplitude e riqueza" (EcA n.69), a Exortação Apostólica Pós-Sinodal pede um sério exame de consciência à Igreja na América. Não nos faltam atividades pastorais, pregações doutrinárias, iniciativas assistenciais, celebrações religiosas, promoções sociais. Portanto o problema não é de quantidade, e sim de qualidade. Podemos até fazer menos, mas que o façamos com entusiasmo! A primeira característica da Nova Evangelização está no ardor com que acontece, fruto de um encontro pessoal com Cristo vivo.

Mas ela exige também uma atenção ao que é proclamado. Transmitimos, de fato, à sociedade uma Boa-Nova, um

anúncio que provoca alegria e esperança, um sentido último que sustenta nossos contemporâneos na penosa travessia desta vida, cheia de contrariedades e sofrimentos? Não nos preocupamos, talvez demasiado, com temas secundários, com problemas administrativos, com as tensões normais entre os grupos no interior da Igreja? Não cedemos, por vezes, ao moralismo e ao juridicismo?

A Boa-Nova é Jesus Cristo, portanto "o núcleo vital da Nova evangelização deve ser o anúncio claro e inequívoco da pessoa de Jesus Cristo" (EcA n.66). Pois Jesus Cristo é "a resposta definitiva à pergunta acerca do sentido da vida, às questões fundamentais que tanto inquietam hoje tantos homens e mulheres do continente americano" (EcA n.10).

Daí as palavras incisivas da nossa exortação: "a Igreja na América deve falar cada vez mais de Jesus Cristo, rosto humano de Deus e rosto divino do homem. É esse anúncio que verdadeiramente mexe com os homens, que desperta e transforma os ânimos, ou seja, que converte. É preciso anunciar Cristo com alegria e fortaleza, mas sobretudo com o testemunho da própria vida" (EcA n.67).

4. UMA EVANGELIZAÇÃO INCULTURADA

Uma das grandes riquezas do continente americano consiste nas múltiplas culturas e etnias presentes em seu território (EcA n.5). A cultura é de enorme importância para o ser humano. Graças a ela adquire ele uma linguagem, tem idéias, escolhe padrões de vida, aprende a se relacionar com seus semelhantes, a viver sua vida afetiva, familiar, profissional, religiosa, enfim, numa palavra, consegue ser homem.

Vivemos dentro de uma cultura que nos oferece um mapa para a realidade caótica à nossa volta. A Palavra de Deus

transcende as diversas culturas, pois não se prende a nenhuma delas. Mas só será captada e entendida como Palavra de Deus no interior da cultura onde está o que a ouve. O Novo Testamento, bem como a história da Igreja, nos apresentaram o evento salvífico Jesus Cristo captado e expresso em diferentes culturas, dando lugar a teologias, compreensões e expressões diversas da mesma fé.

A cultura não existe somente nos conceitos, nas palavras e nos livros, pois se encontra, principalmente, embutida na vida concreta, ditando nosso com-

portamento, orientando nosso modo de viver, provocando nossas reações, justificando nossas ações cotidianas. Cultura é mais ação do que representação, cultura é vida.

No momento em que a evangelização é sentida como estranha a uma cultura, ela aparece como não significativa, e portanto não vital, para os membros da mesma. De fato estes, do interior de sua cultura, não só não a entendem como mensagem, mas nem mesmo a podem viver como realidade salvífica. O divórcio fé e vida brota não só do pecado, mas pode também refletir a separação fé e cultura. Daí a afirmação clara de João Paulo II: "Uma fé que não se faz cultura é uma fé que não foi plenamente recebida, não inteiramente pensada, não fielmente vivida" (Carta ao Cardeal Secretário de Estado, 20/5/82).

Daí insistir a Exortação Apostólica "que o Evangelho seja anunciado na linguagem e na cultura de quantos o ouvem" (EcA n.70). Esta afirmação se aplica primeiramente aos grupos étnicos da América, de modo especial aos indígenas e afro-americanos (EcA n.16; n.40; n.64). Ela reconhece o valor da religiosidade do povo ao afirmar que "a piedade popular é expressão da inculturação da fé católica" (EcA n.16).

Além disso a complexidade da vida moderna ocasionou, sobretudo nas grandes cidades, uma pluralidade de subculturas que expressam, na mentalidade e na vida, os diversos contextos vitais de cada um, com seus desafios específicos, seus valores próprios, sua linguagem respectiva. Aqui está um elemento importante que torna a pastoral urbana um problema.

Pois o nosso discurso doutrinal e as nossas práticas pastorais são, em geral, uniformes, homogêneas e monocores.

E como nosso auditório é diversificado, nossa proclamação pode não ser significativa e atraente para muitos, por não atingir sua subcultura e, conseqüentemente, suas reais condições de vida. Já temos certa consciência desta realidade: não pregamos do mesmo modo num asilo de anciãos e numa missa de jovens. Mas devemos levar mais a sério a importância da cultura para uma fé vivida e concretizar mais uma pastoral diversificada, mesmo dentro de um mesmo país, respeitando culturas regionais, classes sociais, grupos humanos específicos, para que todos possam captar a riqueza da mensagem cristã e sentir que a Igreja os entende, respeita e ajuda como mãe e mestra.

Naturalmente as culturas abrigam também elementos provenientes da limitação humana e do pecado. Sobretudo hoje sentimos os malefícios de uma cultura transnacional, marcada pelo individualismo hedonista, pelo culto ao econômico, pela opressão da eficácia e da produtividade, que gera uma multidão de excluídos na sociedade, produz revolta e violência e assim impossibilita a convivência social. É uma cultura que pretende prescindir do referencial religioso, uma cosmovisão secularista que tende a satelizar a fé para o mundo das idéias inócuas.

Aqui não pode haver inculturação da fé e sim evangelização da cultura. A exortação apostólica fala aqui de uma "cultura da morte", que elimina os mais fracos: crianças não-nascidas, anciãos e doentes incuráveis, seres humanos marginalizados pelo consumismo e pelo materialismo (EcA n.63). Assim se deve "promover uma cultura da solidariedade" (EcA n.52) que, sejamos realistas, representa hoje um gesto profético contra-cultural. Para isso a solicitude pastoral da Igreja deve cuidar da formação de uma consciência crítica nos católicos diante da cultura dominante.

O Sínodo da América continuou e confirmou o itinerário anterior, sobretudo da Igreja Latino-americana e Caribenha, pautado pelas Conferências Gerais de Medellín, Puebla e Santo Domingo. A opção preferencial, não exclusiva, pelos pobres, à imitação de Jesus Cristo, é reafirmada com clareza (EcA n.58). Daí segue-se que “os pobres hão de ser considerados entre os primeiros destinatários da evangelização” (EcA n.67).

A Igreja “deve viver com os pobres e participar de seus sofrimentos” (EcA n.58), testemunhando com maior credibilidade “o amor infinito de Deus por todos os homens” (EcA n.18). Daí também o apelo aos bispos para estarem “abertos primariamente aos mais abandonados e excluídos” (EcA. 28) e aos presbíteros para assumirem sobretudo “uma atitude de solidariedade com os pobres” (EcA n.39).

O sistema econômico dominante, conhecido como “neoliberalismo”, ao considerar o lucro e as leis de mercado parâmetros absolutos, lesa a dignidade da pessoa humana e provoca a marginalização dos mais fracos, apoiando-se em políticas e estruturas freqüentemente injustas (EcA n.56).

A exortação “*Ecclesia in America*”, consciente de que a ordem social é afinal produzida pelo próprio homem, recomenda a formação da consciência mo-

ral, especialmente dos responsáveis pela vida pública, com ênfase maior na formação ética da classe política (EcA n.56), sem dúvida um tema que merece maior atenção das Conferências Episcopais.

Pela mesma razão o documento enfatiza que a conversão a Deus implica também uma conversão ao irmão. A mística cristã vive a tensão entre a interioridade e a solidariedade, sem poder renunciar a um desses pólos. O amor do próximo implica portanto a promoção de melhores condições de vida para meus semelhantes. Daí lembrar aos leigos o “dever de participar da ação política segundo o Evangelho” (EcA. N.27), em consonância com uma ética da responsabilidade.

O fenômeno da globalização representa um novo desafio para a Igreja do continente. Procura-se vê-lo com isenção de ânimo, apontando suas conseqüências positivas, como o crescimento e aumento da produção, mas também denunciando fortemente seus efeitos destrutivos: desemprego, destruição do meio ambiente, concentração de riquezas, prejuízo para as nações pobres (EcA n.20). Neste sentido o texto fala ainda da “globalização da solidariedade”, que promova uma maior integração entre as nações, fomente uma cultura da solidariedade e reduza os efeitos negativos da globalização, de ordem econômica ou cultural (EcA n.55).

6. UMA EVANGELIZAÇÃO COM A PARTICIPAÇÃO DE TODOS

Sem dúvida alguma uma das características marcantes do pontificado de João Paulo II foi, na linha do Vaticano II (EcA n.66), a insistência em considerar toda a Igreja como sujeito da missão. A participação ativa dos leigos na vida da comunidade eclesial, a consciência de que são também evangelizadores, o fato

que muitos se aproximem da Igreja buscando melhor formação, constitui um traço forte na fisionomia da Igreja Católica no continente americano.

O documento “*Ecclesia in America*” procura reforçar e desenvolver esta participação ativa do laicato, ao recomendar aos bispos que suscitem nos leigos

a consciência missionária e os façam compartilhar do plano de ação pastoral (EcA n.36). Igualmente os presbíteros devem acolher a colaboração dos leigos e saber com eles trabalhar (EcA n.41).

“A renovação da Igreja na América não será possível sem a presença ativa dos leigos”, afirma incisivamente nossa Exortação Apostólica (EcA n.44). Fundamental portanto para o futuro da Igreja é que, primeiramente, recebam uma adequada formação espiritual e teológica, pois são evangelizadores pelo testemunho de vida, ao encarnar os valores

evangélicos, assim como pela proclamação de sua fé nos ambientes onde vivem (EcA n.44).

Como “a atividade política também pertence à vocação e à ação dos fiéis leigos” (EcA n.27) e como se recomenda que assumam “cargos de dirigentes na sociedade”, “é necessário que sejam formados quer nos princípios e nos valores da doutrina social da Igreja, quer nas noções fundamentais da teologia do laicato” (EcA n.44). Deste modo poderão trabalhar “para a transformação das realidades temporais” (EcA n.54).

7. UMA EVANGELIZAÇÃO EM ESTREITA COMUNHÃO

O anúncio de que Deus é comunhão trinitária e de que a Igreja é sinal e instrumento da comunhão, já que os fiéis participam da mesma vida de Cristo e da mesma atividade do Espírito, leva esta última a trabalhar pela unidade do gênero humano num mundo dividido e desejoso de unidade. Esta comunhão irá se realizar em vários níveis (EcA n.33).

Primeiramente a comunhão entre os países americanos. A proposta de João Paulo II para a IV Conferência Geral de Santo Domingo pretendia aumentar a cooperação entre as Igrejas particulares com o objetivo de, juntas, enfrentar os problemas relativos à justiça e à solidariedade entre todas as nações da América (EcA n.2). Novamente reafirmado na Carta Apostólica “*Tertio Millennio Adveniente*”, mencionando a enorme disparidade econômica entre Norte e Sul (EcA n.2).

Daí ser um importante objetivo da Igreja na América o de “unir espiritualmente ainda mais todos os povos que formam este grande continente e, ao mesmo tempo, a partir da missão religiosa que lhe é própria, incentivar o espírito solidário entre todos eles” (Pala-

avras de João Paulo II na abertura da IV Conferência Geral de S. Domingo; EcA n.5). A base desta unidade está na “comum identidade cristã” e no empenho de promover “vínculos de comunhão e de solidariedade” entre as diversas expressões culturais (EcA n.5).

Em seguida a comunhão entre a Igreja na América e a Igreja Universal. Realmente diante de uma humanidade, onde o único nome pelo qual podemos ser salvos (At 4,12), ainda é desconhecido por muitos, e onde religiões não cristãs são majoritárias em várias regiões do globo terrestre, deve “a Igreja na América permanecer disponível para a missão ad gentes”, estendendo “seu ímpeto evangelizador para além das fronteiras de seu continente” (EcA n.74).

Além disso, como a Igreja Universal respira com os dois pulmões do ocidente e do oriente (EcA n.17), devem as Igrejas de rito latino estreitarem sua comunhão com as Igrejas orientais, presentes no continente americano, que significam enriquecimento espiritual do patrimônio católico (EcA n.38).

Comunhão entre as Igrejas Particulares na América. Este tema é mais uma

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

etapa na história da Igreja na América Latina e no Caribe, constituída pelas Conferências Gerais promovidas pelo CELAM e também, em âmbito americano, pelas Reuniões Interamericanas. Recomendam-se também estudos e encontros sobre temas comuns como "ecumenismo, cooperação missionária, educação, migrações e comunicações pastorais" (EcA n.37). A exortação urge ainda o compromisso da recíproca solidariedade e da partilha dos bens materiais e dos dons espirituais, bem como a disponibilidade de agentes pastorais (EcA n.52).

Comunhão na Igreja Particular. Aqui, compete ao bispo, com a cooperação de todos, "iniciar e incrementar o encontro de todos os membros do Povo de Deus com Jesus Cristo, por meio do respeito e da promoção da pluralidade e da diversificação que não impedem a unida-

de, mas lhe conferem o caráter de comunhão" (EcA n.36).

Gostaria de finalizar esta exposição com uma afirmação dos Padres Sinodais, que magistralmente sintetiza o que nela ouvimos: "é muito importante que a Igreja em toda a América seja sinal vivo de comunhão reconciliada, apelo permanente de solidariedade, testemunho sempre presente em nossos diversos sistemas políticos, econômicos e sociais. A comunhão constitui uma significativa contribuição que os fiéis podem oferecer para a unidade do continente americano" (EcA n.32).

Que Deus ajude a todos nós, por intercessão da Virgem de Guadalupe, a correspondermos a seus apelos neste momento histórico. E que a Igreja na América, apoiada na graça de Deus, possa realizar a missão que o mundo dela espera e que o Espírito lhe inspira.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Que podemos fazer nas nossas comunidades para que a exortação pós-sinodal "Ecclesia in America" tenha de fato uma acolhida original e criativa na realidade das nossas igrejas particulares e das nossas comunidades religiosas?
 2. Nossa ação evangelizadora pauta-se pelos grandes eixos e orientações do documento? Que aspectos precisam ser revistos e modificados?
-

O Tempo Dos Lobos e Dos Cordeiros

A Vida Religiosa Frente à Violência

IRMÃ ANA ROY, AS
UTINGA, BA

O Sol está baixando. A família está ainda cortando o sílex em pontas afiadas. Triste e desconfiado o Tio Viana observa o trabalho e protesta: *"Tudo isso irá a mal e terminará em desastre"*.¹

Estamos no tempo da pré-história. Não bate a intuição do velho tio ancestral na atualidade que vivemos?

O tempo dos lobos e dos cordeiros não iniciou com a nossa geração. Desde o momento em que a humanidade cedeu ao fascínio das armas, a violência se alastrou sobre a terra como tentáculo de monstro e chegou hoje ao paroxismo da barbaridade. O sangue de Abel, em mancha indelével, grita de um modo permanente em nome de todos os inocentes. E todos os profetas fustigaram sem piedade *"os lobos que estraçalharam a presa fazendo correr sangue e destruindo a vida para se enriquecerem"* (Ez 22,27).

Este texto e muitos outros ganharam contornos novos e provocadores num mundo tão violento e agressivo, como o nosso.

A cada dia, fatos e fotos de uma tragicidade insuportável entram em nossas

casas pela mídia. Imagens horrorosas constituem o cardápio do noticiário e da imprensa: guerra, fome, drogas, assalto, chacinas e tantos outros dramas...

Diante um tal bombardeio de informações, torna-se cada vez mais difícil manter um emocional psíquico e espiritual para criar uma atitude construtiva nessa cultura de morte.

Não cabem, no coração humano, palavras para avaliar tamanha dor apontada pelo longínquo antepassado Viana.

Esta situação alarmante questiona a Vida Religiosa que se vê confrontada com esses problemas e deve encontrar novos modos de presença e atuação, novos tipos de compromisso para trilhar, com coragem, caminhos de paz, criadores de vida e de liberdade.

Nos limites dessa reflexão conservarei de propósito as imagens bíblicas, que, embora não sejam classificações estanques e rígidas, dividem a humanidade em duas categorias: os lobos e os cordeiros.

Bem sabemos, aliás, que em cada um de nós um lobo está dormindo sempre

1. (The evolution, Man-Roy Lewis).

pronto a uivar e não for reprimido; e também um cordeiro está gemendo, sedento de paz e de liberdade.

- *Quais são esses “lobos cruéis e devoradores” (At 20,2) que andam soltos em nossas estradas, seguros e protegidos pelo seu poder?*
- *Quais são os “cordeiros, vítimas dos mesmos, rebanhos perdidos” sem pastores (Jr 50,6); filias gregá-*

rias cascadas de uma peregrinação desativada e levadas aos matadouros da exclusão e da exterminação?

- *Que postura pode adotar a Vida Religiosa, num tal contexto de intolerância excludente e mortífera para ser fiel a sua missão apostólica “enviada como cordeiro no meio dos lobos” (Mt 10,160)?*

1. OS LOBOS FERUZES DE NOSSAS SOCIEDADES

Não se trata de colocar nomes sobre os protagonistas desta cultura de morte, que, conforme *“Evangelium Vitae” “descende uma conspiração contra a vida... não se limita a tocar indivíduos, vai muito além, passa ao nível mundial a ponto de atingir as relações entre os povos”*.

Precisamos olhar pelos mecanismos destruidores, com uma perspectiva de honradez, ou seja, *“a que deixa a realidade se mostrar a si mesma e não encobre a existência das grandes maiorias que sofrem desesperadas”* (L. Boff).

Ontem o “lobisomem” apavorava as populações, não deixava, porém, de ser fantasma. Este, hoje, cedeu passo a um “lobaz” muito mais perigoso que não é ficção, o “lobosistema” que, por sinal, se apresenta com feições gananciosas, vestido de pele de ovelhas. Ele fala palavras bonitas e enganadoras, de promessas nunca cumpridas, tornando a sua perversidade aparentemente adocicada.

Esta fera não mora nas matas selvagens, sim tem sua residência em covil dourado, e por via satélite envia sobre países inteiros seus “bufidos” de morte.

Seu lema circula em todo discurso político, alias sob a sigla do tríptico “M” que termina mesmo no “M” da Morte: Mercado Mundial — Modernização — Mundialização, ou seja o tripé em que se

assenta o Neoliberalismo Liberal triunfaleco e imperante.

Quem não entra neste “lobosistema” porque não pode competir e se alinhar, é condenado, atingido por um vírus mortal que, progressivamente vem destruindo todas as células do corpo societário e cultural de uma nação, de um povo.

Algumas manifestações dessa violência:

a) A violência econômica

O lobo neoliberal nega simplesmente o outro que esmaga em suas garras. O outro adquire aqui, um sentido amplo e simbólico: o outro é sociedade, cultura, continente, planeta. A partir de sua soberana e poderosa força “dolar-ística” o lobo rugge, por internet, de um ponto do globo a outro, para dominar os mercados livres entre países ricos, violentando as massas anônimas dos países pobres, incapazes de entrarem no circuito.

Essa violência econômica é mais repressiva hoje do que as ditaduras que afetaram os países latinos do Sul, nos últimos decênios.

Sem barulho perceptível, ela gera outra violência no grito e no sangue naqueles que se revoltam contra tal injustiça. Sociedades baseadas somente sobre o dinheiro e a exploração não podem deixar de ser violentas: *“Vejo vio-*

lência e discórdia na cidade”, dizia o salmista. Essa visão atinge hoje a terra: “crimes e injustiças, opressão e fraudes, nunca se afastam de sua praça” (Sl 55,12).

b) A violência da fome

O “lobosistema” da Produção mundial, produz sim... produz famintos por milhões capitalizando os frutos da terra conforme a medida de sua própria voracidade.

Esta fera come à vontade, à custa das barrigas vazias, enquanto *“a violência é o vinho novo que ela bebe”* (Pro. 4,17). Vale aqui lembrar uma parábola: *“Na nave terra 1/5 da população viaja de primeira classe: a que detém os principais benesses. Sozinhos consomem 80% das reservas disponíveis para a viagem, o restante dos passageiros viajam no compartimento de carga. Passam frio, fome e toda ordem de necessidade”* (L. Boff). Eis aí a consequência inevitável do Neoliberalismo. E fome é bomba silenciosa mais perigosa do que a de Hiroshima.

O consumo e o desperdício dos países ricos assumem, então, a responsabilidade da morte dos 2/3 da humanidade, em que 25 crianças desnutridas morrem a cada minuto. Impossível fazer uma opção preferencial pelos pobres sem logo se comprometer na luta contra a fome, visando um novo sistema que se ajusta sobre a partilha e as necessidades de todos. *“A terra, diria Gandhi, é suficiente para preencher as necessidades básicas de todos e não para satisfazer a voracidade de um pequeno número”,* ou seja, a gluttonia do lobo a engolir o cordeiro, o pequeno sem defesa. Ezequiel adverte em nome de Javé: *“Minhas ovelhas tornaram presa fácil e servem de pasto às feras selvagens... Eu as arranquei da boca deles* (Ez 34,8-10).

c) A violência política que agride a dignidade humana

O lobo conjuntura, sem escrúpulo e sem vergonha pisa e esmaga a dignidade dos filhos de Deus, *“o rebanho que só a Ele pertence”,* levando-se ao desespero, à vingança, até ao suicídio ou homicídio.

Lembro-me de um título de um filme: *“Os pássaros escondem-se para morrer...”* em toda dignidade.

Hoje este direito fundamental é negado ao homem. No clímax de agressão, a morte não é mais marcada por Deus que dá a cada qual seu número de dias.

A morte está nas mãos dos homens: *“Não sobrou um só homem correto; está todo mundo de tocaia; cada um caça um irmão para matar”* (Mq 7,2). Havia exagero na visão de Miquéias? A morte não é mais individualizada, respeitada, assumida, ela é planejada, organizada, produzida de modo maciço e coletivo.

E o cinismo deste “lobismo” potente e desequilibrado vai até justificar seus procedimentos para “equilibrar” as forças em jogo neste mundo!

Por isso, precisa matar o inocente indesejável porque não há mais vaga para ele debaixo do sol; matar o criminoso sem levar em conta uma possível recuperação; matar o idoso que não rende mais, portanto não serve para nada; matar os meninos de rua para limpar o espaço urbano; expulsar a ferro e fogo, com cães, cavalos e tiros os miseráveis acampados sobre uma terra inculta e abandonada; jogar na cadeia o líder que subverte o povo para libertá-lo e colocar em xeque a insegurança nacional.

Este “lobosistema” globalizado está preparando o futuro de uma humanidade destrozada em que *“a inviolável dignidade da pessoa”* desaparece sob os dentes da fera.

Perdendo sua dignidade, o homem perde também sua liberdade responsável; surgem os assaltos nas instituições, nos transportes, em qualquer esquina de rua; os seqüestros brutais e traidores com os traumas a seguir; o fanatismo religioso de tal ou tal gru-

po que violenta e mata em nome de Deus.

Deus, porém, reclama pela palavra dos profetas: "*Ai daqueles que deitados na cama ficam planejando e tramando o mal. E só o dia amanhecer, já o executam porque têm poder na mão*" (Mq 2,1).

2. AS VÍTIMAS DO LOBO: OS CORDEIROS E AS OVELHAS

Elas encontram suas miseráveis pastagens à beira das águas fétidas dos esgotos, nesses lugares em que tudo lhes falta... Favelas periféricas de nossas cidades; casebres nas roças ressequidas; barracas de lona nos acampamentos; "lares" (?) dos aidéticos; canaviais ou seringueiras; minas de carvão, de cobre ou de chumbo; enfim em todos lugares onde reina a miséria, a carência, a doença, o analfabetismo, condições geradoras de exclusão numa sociedade que não integra "os incapazes".

A metáfora relacional lobo/cordeiro tem o mesmo conteúdo que o binômio mestre/escravo, o regime que vigorava na Egito faraônico e perdura hoje, em outra roupagem. Na condição de opressão, o dominado, no caso a ovelha ou o cordeiro, pode criar reações diferentes, éticas situacionais diversas sobre o que devemos ser lúcidos e conscientes para nos situarmos corretamente e acompanhar. Vejo três atitudes possíveis:

- A vítima injustiçada, revoltada, pronta a estourar. Ela vem carregando suas baterias de ódio, procura vingança, acaba cedendo às pressões impulsivas e descarrega suas energias em conflito, brigas, motim, quebra-quebra, etc... Basta abrir um jornal a cada manhã para reparar este tipo de drama.

Essa atitude manifesta o triunfo da violência sobre a liberdade cansada demais para reagir.

Quem é responsável por esses fatos lamentáveis? "Sou eu o guardião de meu irmão?" Sim, responde João Paulo II, "Todo homem é guardião de seu irmão, pois Deus confiou o homem ao homem, por isso, possui uma dimensão relacional essencial a colocar a serviço da pessoa e de sua realização. Ao omitir-se desse dever, a sua liberdade esvazia-se do seu conteúdo original" (E.N. I, 19).

- Contrária a essa primeira categoria de oprimidos, a atitude daqueles que encontramos em nossos bairros, nos ambientes de trabalho, lúcidos e conscientizados.

Homens e mulheres que praticam uma auto violência consciente, dominada, planejada para criar uma resistência responsável, solidária, engajada. Esses e essas comprometem-se no combate pela justiça e pelo direito.

É o triunfo da liberdade sobre a violência que não descarta sofrimento e vexames. Mas a morte nunca mata as causas da morte. Depende das possibilidades de cada um, crescer em liberdade para que a vida tenha a última palavra.

- Entre esses dois grupos, numa sociedade massificadora, encontra-se um grande número de irmãos, totalmente desmotivados que se deixam alienar, oprimir, numa fa-

talidade apática “porque o seu destino assim está marcado”.

Embora sejam vivas, a morte já deixou sintomas nessas pessoas, e matou nelas a *violência e a liberdade*. Onde estão os assassinos? Populações a cada dia mais empobrecidas acabam acreditando que não valem nada, que não prestam para nada. Evidentemente tal mentalidade dependente e gregária dessas ovelhas-povo, abre e mantém o apetite devorador do “lobosistema” que se vitoria e se vale às custas desses pequenos, convencidos do seu não-valor.

Dizia um sociólogo de modo provocante: *“Os monstros (eu digo os lobos) existem mas são poucos demais para serem perigosos. Muito mais perigosos são os homens da base (eu digo os cordeiros) quando estão prontos a submeter-se”*.

A dissolução dos valores éticos dá boa consciência à prática corrupta e à exploração dos mais fracos.

Essa situação cria um desencanto na sociedade que se manifesta numa desconfiança da classe política; gera a desesperança no povo que se deixa comprar para obter uma vantagem: *“Vendem o justo por prata e o indigente por um par de sandálias...”*, um saco de cimento, um cobertor... (Am 2,6).

3. OS ENVIADOS “COMO OVELHAS NO MEIO DOS LOBOS”

Aí está o grande desafio para a Vida Religiosa. Na sua forma figurativa ligada ao profetismo do Antigo Testamento, a palavra de Jesus adquire, em nossos dias um sentido existencial e realista, exigente e radical.

O “como as ovelhas” significa um como de relação e não um como de imitação. Jesus nos quer dizer: “entre as ove-

lhas e o lobo” existe uma relação. Eu envio vocês no mundo na mesma situação relacional que as ovelhas vivem com os lobos. Trata-se então de um posicionamento, de uma postura, de localização, de prudência, pois para viver o “como”, será necessário também viver o “com”. Somos prontos a arcar? Verei três prontos, chance talvez para a Vida Religiosa:

Vimos nesses últimos anos um desalento claro nas Comunidades de Base. O enfraquecimento dos movimentos populares devido à decepção, faz com que “cordeiros e ovelhas” nada mais esperem.

No entanto, esta apatia conseqüente à perda de vitalidade, forjada pelo sistema, não deixa de esconder uma repressão latente, calada, que poderia acordar e explodir se fosse despertada. O pastor do rebanho conhece cada ovelha pelo seu nome e envolve de terna solicitude aquela que é ferida, desgarrada, perdida, por causa dos maus tratamentos.

“Visto que o meu rebanho é objeto de saque e serve de presa a todos os animais do campo. Livrarei minhas ovelhas de suas bocas e não continuarão a servir-lhes de presa” (Ez 34,7-10). Não nos compete julgar entre “ovelha e ovelha”.

Afinal, no rebanho, as ovelhas são todas igualmente vítimas dos mesmos lobos. E essa violência que pesa diferentemente sobre cada qual, pode ainda gerar um outro tipo de violência, que não vem mais de fora, mas de dentro do próprio rebanho. Talvez não há pior sofrimento que a opressão do pequeno sobre o pequeno, irmãos de destino na mesma miséria. Esses desvios são também frutos, do mesmo lobismo brutal que se infiltra em todo ambiente: *“adversário que rodeia como leão a rugir, procurando a quem devorar”*.

- O "como" e o "com" as ovelhas
- O medo e o risco
- A utopia na impotência

• Presença: o estar com as ovelhas

Grandes passos já foram dados pela Vida Religiosa para mudar de lugar social e inserir-se em meios marginalizados pelo sistema, numa convivência partilhada, ligando o quanto for possível o seu destino ao do povo sofredor. A migração da Vida Religiosa do centro para a periferia marcou profundamente as mentalidades e começou a esboçar um novo rosto da Vida Consagrada. Nem sempre, nos é possível uma inserção geográfica. É sempre possível dar atenção aos locais ocupados por este povo, vítima do sistema e aí plantar a nossa tenda.

Um teólogo espanhol teve a audácia de titular um excelente pequeno livro: "*Teologia da marginalização*" (José Sols Lucia). Essa teologia parte do lugar e me parece ser significativa para a Vida Religiosa na véspera desse novo milênio. Passamos do paradigma do "*processo*", elemento chave para interpretar a realidade, ao paradigma local onde se vive esta mesma realidade.

O homem desenraizado de nossas periferias não se fixa tanto sobre sua história quanto sobre o espaço que está procurando para viver.

Jesus fez escolha de locais para realizar sua missão e suas opções aptas a apontar as nossas:

- Belém, o lugar marcado pela violência da repressão, da exclusão, onde Deus não encontra espaço e nasce estrangeiro, entregue à dureza inóspita do poder.
- Nazaré, cidade desprezada e difamada que convida a Vida Religiosa a estar presente nos locais "*de onde nada possa sair de bom*".

• A Galiléia, marcada também de preconceitos excludentes lembra à Vida Religiosa que não pode descartar de sua missão uma dimensão galileiana de trabalho, de exigência de libertação, a que foi proclamada por Jesus na sinagoga (Lc 4).

• Jerusalém, o lugar do fracasso, da violência desencadeada contra o Inocente, *contra "o Cordeiro levado ao matadouro sem abrir a boca"*; Jerusalém que mata os profetas e crucifica o Justo fora dos muros, em nome da lei.

Sem dúvida essas localizações nos levarão também, como Jesus até "os infernos", quero dizer a esses lugares em que a esperança não tem mais vez; onde homens e mulheres e crianças estão sentados na sombra da morte nos sub-solos da humanidade.

Daremos o salto qualitativo necessário para descer, mais fundo, aos "schools" modernos para tornar visível a Esperança a partir da nossa impotência e da nossa fragilidade, em que se manifesta a força evangélica dos fracos. Será nossa situação minoritária suficientemente tônica para "esperar contra toda esperança"?

Frágil, e por isso forte, a Vida Religiosa se quer presente, mais do que nunca nas frentes ameaçadas para dar um "sim" resolutivo, cheio de terna compaixão à dignidade de cada ser humano ferido, de cada ovelha machucada.

Com Kierkegaard ela afirma e proclama: "*Se pudesse desejar algo, não queria nem riqueza, nem poder, mas a paixão do possível: queria apenas um olho, que eternamente jovem brilhasse eternamente no desejo de ver o possível*".

E bem sabemos que tal paixão nos anima na teimosa audácia de nossa fé: "*Ao homem não é possível, mas a Deus tudo é possível*".

• Exorcizar o medo, assumir o risco

Pelas razões que vemos acenando, o nosso "sim" à inserção popular, a entrada no pasto das ovelhas vítimas do lobo, torna-se trememente, assustada às vezes, humilde e sem alarde.

Negar o medo ou querer ignorar as crispações que nascem da angústia que nos habita seria muito mais ingenuidade que heroísmo.

A Vida Religiosa não passa incólume diante deste fenômeno. Aqueles que estão enviados a esse mundo perturbado e assustador conhecem as mesmas dificuldades do que qualquer outro. Sobre este ponto precisamos ser leais para nos situarmos em verdade. Pois, se mentira e violência conjugam-se, "verdade e paz" se abraçam; verdade como sentido de autenticidade consigo, verdade como fidelidade a uma missão de relações interpessoais; verdade como visão evangélica do mundo.

Reconhecer o medo é a primeira condição para dele se libertar e libertar os outros. O envio, aliás, com seus perigos possíveis não dispensa a prudência e a simplicidade que Jesus recomendava aos seus.

Quantas vezes, no evangelho, os apóstolos tiveram medo e o confessaram sem fingir, conscientes, sabendo medir os perigos e prevenir os riscos. A força, porém, que Jesus lhes comunicava: "Não tenham medo... Sou Eu" não era tanto para negar o pavor quanto para superar o mesmo. Eles permaneceram com suas fraquezas e limitações e aprenderam a compor com elas para "avançar em águas profundas".

Daí, a fé não isola do perigo, nem nos protege. Mas, sim, "em nome de Javé" como Davi frente a Golias com suas cinco pedrinhas, a fé nos lança no mundo em vulcão, em plena fogueira, como artesãos de paz, fazendo aliança com todos

aqueles que se empenham a construir uma terra pacífica e fraterna.

Entramos na era de um macro-ecumenismo cívico, ético, religioso e espiritual a partir de micro-realizações humildes, perseverantes, participativas.

"Não tenha medo, pequeno rebanho... coragem venci o mundo." Essa palavras não apenas tem significado de ânimo mas são palavras de vida. A vida chama a uma liberdade mais radical do que todos os condicionamentos e desvela um horizonte sem limites e surpreendente.

Esta mística animava essa mulher da Guatemala em circunstâncias particularmente difíceis: "Vivo a cada dia para matar a morte, morro cada dia para parir a vida e nesta morte da morte, morro mil vezes e ressuscito tantas outras, com o amor que alimenta o meu povo, a Esperança" (Julia Esquivel).

Apostar sobre a utopia

Trata-se de procurar uma utopia: a utopia dos sonhos capazes de provocar a História: uma utopia que sabe aquilo que está desejando, como o deseja e para quem deseja.

Não raro, essa palavra utopia induz a erro. "U-topos" não significa impossível, mas sim além da norma.

O desafio para o cristão, hoje, para a Vida Religiosa de modo especial, é saber superar as divisões estanques entre luta e sonho; superar as fronteiras do ético e do moral, do justo e do legal, do poético e do profético, do espiritual e do corporal. Utopia não é ausência de realidade, apenas prazo de realização.

Jesus viveu a utopia do Reino, reinado de Deus sobre todos os outros reinos. Ele não "transformou" o mundo, mas sim o "iluminou", deu-lhe rumo e direção, deixando aos seus seguidores

contribuírem como Ele para construir um mundo justo.

Frente à utopia materialista e interesseira do "lobosistema" visando a rentabilidade máxima, a Vida Religiosa se apresenta desarmada com a utopia de re-inventar a vida, recriar a vida, ressuscitar a vida em solidariedade fraterna e universal.

Esse é o grande pedido feito à Vida Religiosa: qual é o senso e o sentido da existência?

Em toda situação de crise e de violência, se o homem nem sempre pode encontrar o valor do seu existir num emprego escravizador ou num desemprego humilhante, pode entrar na proposta de uma palavra de irmão que lhe revela o sentido e a grandeza da vida no chão mesmo que está ocupando.

Não há como esquivar-se a essa exigência imperativa hoje.

Essa palavra passará mais por sinais do que discursos; por "*sinais de contradição*", de ruptura com as propostas hipócritas e propagandas mentirosas; pela presença e a qualidade das relações interpessoais privilegiadas acima das estruturas institucionais; sinal sempre ligado ao primeiro sinal do Evangelho: o anúncio da Boa Notícia aos pobres, antes de ser levada às nações.

Vida Religiosa livre, "*sem sacola, sem sandálias*" despossuída e "*ovina*" diante

dos lobos; Vida Religiosa que adota a estratégia da fragilidade fecunda, da paciência mansa, da renovada criatividade para abraçar a novidade do *milagre* que se embuça na repetição monótona da vida do aprisco das ovelhas.

Esta estratégia aparece no trabalho das formigas, enquanto as aranhas contam com uma outra tática. A força das formigas está no seu número, na coordenação de sua atividade, de sua organização comunitária e participativa, de sua previsão perseverante e ordenada.

As aranhas colocam seu poder na sua minoria, na sua auto-segurança. Elas tecem suas casas... cada uma por si, isoladamente e deram nome aos edifícios altos que dominam nossas cidades, "aranhas do céu".

A Vida Religiosa adota a mística do formigueiro que remete a espiritualidade da ovelha.

É o caminho, rumo à grande utopia profética, à qual ela se consagrou: a mostra de um bairro, de uma cidade, de um país onde "*O lobo e o cordeiro pastarão juntos*", imagem reveladora do Reino.

Depende de nós cultivar essa utopia. O saber de um grande desejo não é a sua realização, mas sim um desejo maior ainda, que descobre sempre horizontes novos.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Quais são os lobos cruéis e devoradores que andam pelos nossos caminhos protegidos pelo sistema vigente?
2. Quais são os cordeiros que andam perdidos e ameaçados, como rebanhos sem pastor, na realidade do nosso mundo?
3. Que atitude pode adotar a Vida Religiosa neste contexto excludente, para ser fiel à sua missão?

Como Falar de Deus Pai Num Mundo de Excluídos?

PE. JOSÉ COMBLIN

O nosso mundo é cada vez mais um mundo de excluídos ao lado de um mundo de satisfeitos. Os dois mundos afastam-se cada vez mais e ignoram-se. Por sinal, o mundo dos excluídos, apesar de ser majoritário, fica escondido. Num mundo que se diz mundo da comunicação, os excluídos estão fora da comunicação. Não navegam por internet.

A vida no mundo dos excluídos é uma luta de cada dia pela sobrevivência: um mundo de privações, violências, roubos, assassinatos. Crianças maltratadas, expulsas da casa, morando na rua, condenadas a praticar o sexo ou a vender drogas para sobreviver. Mulheres violentadas por homens drogados, jovens sem trabalho, sem estudo, sem horizontes e sem futuro, errando pelas ruas sem saber o que fazer. Lutas pela dignidade sempre recomeçadas e sempre frustradas. Enfim, aquela realidade que conhecemos todos os dias.

E Deus, onde está? O que faz? Sabe o que está acontecendo? Como explicar o silêncio de Deus? Quando os escândalos são gritantes, quando tanto sofrimento atinge pessoas sem defesa, inocentes, já humilhadas na vida inteira, onde está a paternidade de Deus? Certas pessoas e

não são poucas, revoltaram-se contra Deus, acusam-no ou lhe negam a existência. Não podem compreender que se Deus existe, Ele possa agüentar a visão de tantas injustiças.

O problema não é novo. É de todos os tempos. Já forneceu o tema do livro de Jó, um dos momentos culminantes da literatura universal, porque coloca a questão de Deus. É fácil comentar os atributos divinos na tranqüilidade das cátedras de filosofia ou na paz dos conventos. Todos esses comentários permanecem superficiais porque não tocam na realidade. Não enfrentam o verdadeiro problema: o problema de Jó.

Tal problema não tem resposta. A resposta seria o silêncio de Jó. No entanto, fala-se de Deus como Pai. Por isso queríamos mudar a pergunta. Em lugar de perguntar "como falar de Deus Pai?" a pergunta mais adequada é "Quem pode falar de Deus Pai neste mundo em que estamos?" Quem pode falar com autenticidade sem merecer a acusação de ser um inconsciente ou um cínico?

Muitos discursos religiosos e piedosos são cínicos porque nem enxergam as pessoas às quais se dirigem: nem estão conscientes da sua situação privile-

giada, nem aceitamos reconhecer os sofrimentos do interlocutor.

Quem tem o direito de falar de Deus Pai no mundo dos excluídos? Somente quem compartilha a vida deles, as provações deles, a angústia deles.

Por isso é impossível, ilícito, inaceitável falar de Deus Pai numa situação de poder. O poderoso não pode falar em Deus Pai sem ser cínico. O ditador não pode falar em Deus Pai sem cinismo, cinismo que experimentamos na América Latina no tempo das ditaduras militares ou por parte de ditadores assassinos que falam de Deus, invocam a Deus e se legitimavam em nome de Deus. O rico não pode falar de paternidade de Deus para o pobre. O vencedor não pode falar de Deus Pai para o vencido. Os excluídos são os vencidos da vida.

Por que será que a imensa maioria dos textos litúrgicos nossos, redigidos entre o século IV e o século XVI não dirigem a oração para o Pai e sim para o "Senhor todo-poderoso?" Dizem assim "Deus todo-poderoso e eterno". Trata-se de uma desobediência formal à ordem de Jesus que mandou rezar invocando a Deus com o nome de Pai. Jesus ensinou assim: dizei, "Pai Nosso".

É verdade que a Igreja conservou a fórmula do "Pai-nosso". Era impossível apagar essa página do evangelho. Porém, fora dessa fórmula, quase sempre diz "Deus eterno e todo-poderoso".

Por acaso não foi por que o clero sentia que era impossível falar no Pai desde a posição de privilégio, riqueza e poder que ocupava? A liturgia da cristandade foi expressão da imensa riqueza do clero e dos religiosos. Como falar do Pai no esplendor das catedrais e das igrejas abaciais do tempo? Como falar do Pai sendo revestido de paramentos litúrgicos de preço altíssimo, manipulando objetos

litúrgicos de ouro e prata, dentro de um ambiente de imagens cobertas de pedras preciosas e de pérolas? Tudo era sinal de poder, riqueza, força, dominação. Tudo isso era atribuído a Deus, mas não deixava de ser reservado a uma classe privilegiada. Nesse contexto, a fórmula que se impõe era "Deus eterno e todo-poderoso". Não havia lugar para o Pai. Instintivamente os autores dos textos litúrgicos sentiram a impossibilidade.

Quando as liturgias celebravam as conquistas, as vitórias nas batalhas, a destruição de povos considerados inimigos de Deus, como falar do Pai? Nas missas que celebravam a destruição dos índios, a repressão das revoltas de escravos, pode-se falar do Pai. Pode-se agradecer ao Pai? o extermínio dos índios, a expulsão dos judeus, a destruição traiçoeira do reino muçulmano de Granada? Somente se podia invocar o "Senhor Deus eterno e todo-poderoso" de quem se pensava que tinha manifestado o poder do seu braço. Esse título de Pai tinha que ser reprimido. A Igreja tinha que legitimar a conquista e a dominação, não podia invocar o amor do Pai, mas apenas a ira do Deus eterno e todo-poderoso ofendido pela incredulidade dos povos pagãos.

Os católicos foram instruídos pela liturgia, pelo modo de falar dos padres. Não é de estranhar que poucos dirigem a sua oração para o Pai. Na vida de cada dia invocam o "Senhor eterno e todo-poderoso". Já que esse Deus é muito distante, preferem invocar o Sagrado Coração de Jesus ou Nossa Senhora ornada de todos os seus atributos. As devoções populares foram o substituto de Deus Pai.

Os próprios documentos do magistério usam pouco o nome do "Pai". Esse nome de Deus está praticamente ausente dos textos conciliares durante toda a idade média, em Trento e ainda nos tex-

tos do Vaticano I. Assim, por exemplo, a Constituição *Dei Filius* do Vaticano I somente conhece o Deus todo-poderoso. Não conhece o Pai. Deus está sempre associado a atributos de poder, força, autoridade. Deus castiga. Assim manifesta-se o seu poder. Deus rebaixa a arrogância dos que não se submetem a ele.

Vaticano II inaugurou uma nova fase da história ao adotar a linguagem da Trindade. Mesmo assim, muitas vezes, ainda usa as fórmulas tradicionais em lugar de falar do Pai.

Se a Igreja se define pelo poder e se situa no poder, é normal que Deus seja visto também como poder. A partir de tal teologia, explica-se porque no Ocidente durante pelo menos 15 séculos a Igreja praticou como base fundamental do seu agir a pastoral do medo. Para manter toda a população batizada dentro do redil, na obediência e na submissão a Igreja inculcou o medo. Para reprimir as heresias ou as suspeitas de heresias ou as possibilidades de heresias, a Igreja inspirou o medo. Para obrigar os fiéis a praticar a moral oficial católica a Igreja inculcou o medo. Para conseguir a submissão aos sacramentos, a observância da missa dominical, da confissão e comunhão anual, a Igreja pregou o medo. O grande argumento dos pregadores foi o medo: medo do pecado, medo do castigo já neste mundo e sobretudo no inferno.¹

A pastoral do medo prevaleceu até as vésperas de Vaticano II e ainda se mantém em certos Institutos particularmente fechados em que a fidelidade dos membros se consegue pelo medo², so-

retudo em Instituições femininas já que as mulheres foram duas vezes vítimas da pastoral do medo: primeiro como mulheres e depois como possíveis pecadoras.

Dentro da pastoral do medo não havia lugar para o Pai. Como o Inquisidor, podia referir-se ao Pai quando torturava os suspeitos de heresia para que confessassem o seu crime? De alguma maneira o leigo era sempre tratado como um herege potencial. Havia que vigiar sempre e nunca relaxar a vigilância. Falava-se do Deus de justiça, ciumento da sua autoridade, que não tolerava que sua honra ficasse ofendida. A heresia era a maior ofensa, um crime de lesa majestade. Invocava-se o Deus eterno e todo-poderoso.

Por conseguinte, a história ensina que a Igreja não consegue falar do Pai quando está numa situação de poder. Desde o poder ela invoca o Deus eterno e todo-poderoso. Este afirma a sua justiça de tal modo que o pecador se sente esmagado e deve pedir piedade, compaixão, perdão.

Então, quem pode falar do Pai? Em primeiro lugar, Jesus. No Antigo Testamento ninguém se atreve a tratar a Deus de Pai: nem os profetas, nem os reis, nem os sacerdotes, nem os sábios. Às vezes fazem uma leve comparação, mas a oração que Jesus aprendeu quando era criança não era oração dirigida ao Pai. A invocação ao Pai é criação dele. Criou esse modo de falar para Deus e procurou transmiti-lo aos discípulos. Até agora não conseguiu salvo em casos excepcionais. Não desanima. Pode ser que no

1. Cf. Jean DELUMEAU, *La Peur en Occident (XIVe - XVIIIe siècles)*, Fayard, Paris, 1978, 485 p.; *Le péché et la peur. La culpabilisation en Occident (XIIIe - XVIIIe)*, Fayard, Paris, 1983, 741 p.

2. Para citar apenas um exemplo, ver Maria del Carmen TAPIA, *Tras el umbral. Una vida en el Opus Dei*, Barcelona, 1992, 578 p. Basta ler este depoimento de uma mulher que foi até secretária particular de Escrivá, para constatar que certos modos de proceder próprios dos tempos da Inquisição ainda não desapareceram. Há outros Institutos similares em que se praticam as mesmas atrocidades.

início do terceiro milênio os cristãos se convertam e comecem a adotar o modo de orar que Jesus quis ensinar. Nunca é tarde demais, nem sequer depois de 2000 anos.

Jesus pode porque é pobre, fraco, vulnerável. Jesus não mostra os atributos de poder que eram comuns no seu tempo.

Jesus compartilha a vida sofrida dos pobres do seu tempo, os camponeses. Conheceu a fome, a sede, a falta de casa, as humilhações dos grandes, o sentimento de impotência diante das injustiças. Os milagres não lhe tiram o sentimento da sua própria fraqueza, porque são atos do Pai, que intervêm somente em certas circunstâncias.

Jesus conheceu os problemas de Jó. Conheceu-os na sua vizinhança e por isso sentiu solidariedade com os excluídos do seu país. Ele pôde falar dos lírios do campo e dos passarinhos para um povo que tantas vezes passava necessidade. Pôde falar porque ele próprio compartilhava as mesmas necessidades. O seu discurso do Pai podia surpreender, mas não escandalizar a não ser os ricos. Tinha credibilidade porque estava no meio dos pobres como um deles. Quando expressa a sua fé no Pai apesar de tudo o que se vê, apesar de tantos sofrimentos, é escutado pelos pobres porque sabem que essa fé corresponde a uma vivência profunda. Além disso, ele manifesta sinais de compaixão pelas dores do seu povo. Põe à disposição deles tudo o que pode. O seu próprio comportamento confere credibilidade ao seu discurso.

Na cruz, Jesus foi até a extremidade da solidariedade com os oprimidos e os excluídos. Ali foi excluído pelas autorida-

des do seu povo e pelo medo do povo. Para todas as gerações seguintes, a cruz foi, ainda é e será o sinal da credibilidade. Jesus pode falar do Pai porque fala desde a cruz. Fala apesar do sentimento de abandono que experimenta até o fundo da alma. Se pode invocar o Pai nesta extremidade, todos os pobres o podem também. Jesus estava na noite total. Por isso, os seres humanos que também vivem na noite total, podem identificar-se com o seu apelo ao Pai e com o seu fundo de confiança. Confiam em que a noite obscura não seja a última palavra e que o Pai se revelará na luz do dia!

Gustavo Gutierrez escreveu um pequeno comentário do livro de Jó aplicado à situação dos povos latino-americanos.³ Jó perdeu tudo e não entende por que. Não aceita reconhecer que a culpa seja dele e que a sua miséria seja o castigo dos seus pecados. Também não se revolta contra Deus. Não fala mal de Deus. Está sem poder pensar nada. Mas a fé permanece. Ele aguarda o dia da justiça. Está na hora das trevas e aguarda a volta do dia.

Desde a conquista, os povos indígenas estão na noite obscura. Não entendem o que aconteceu, porque perderam tudo o que tinham. Os conquistadores acusam-nos de ser eles mesmos culpados da sua miséria. Denunciam-lhes os vícios, rejeitam-nos na exclusão total. Ora hoje em dia não são somente os índios que estão na noite obscura, mas todos os pobres, dois terços da população latino-americana.

Chegou a hora das trevas.⁴ No presente momento não há nenhum sinal visível de esperança para os pobres. Todas as leis,

3. Cf. Gustavo GUTIERREZ, *Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente. Una reflexión sobre el libro de Job*. Ed. Sigueme, Salamanca, 1986.

4. Cf. José Maria VIGIL, *Aunque es de noche. La "hora espiritual" de América latina en los 90*, Ed. Envio, Manágua, Nicaragua, 1996.

as disposições do Estado, as políticas econômicas fazem com que cada ano os pobres fiquem mais distantes dos privilegiados. Jamais uma lei é votada para favorecer os pobres. Aos pobres se lhes explica que devem sacrificar-se pelo bem da nação. Porém, nem os bancos, nem as grandes empresas, jamais devem sacrificar-se e os executivos ganham mais cada ano, aumentam a porção de riqueza que tiram das mãos dos trabalhadores.

No entanto, como Jó, os povos continuam acreditando no Pai. Continuam esperando uma mudança, uma libertação. Não falam mal de Deus. Não blasfemam. Esperam contra toda esperança.

Quem pode falar-lhes do Pai? Quem pode falar da sua fé sem cinismo?

Somente os que se tornam semelhantes, participam da mesma condição dos excluídos e os que se compadecem. Jesus deixa-se comover pelos sofrimentos do povo pobre. Cura doentes, levanta paralíticos. Quem luta ao lado dos pobres, quem os ajuda a sobreviver ou melhor, quando é possível, a levantar-se da sua miséria, pode falar do Pai porque o povo fala. Podem compartilhar também a fé e a esperança dos excluídos. Quem participa dos sofrimentos, pode também participar da sua fé e da sua esperança.

Nem todos os pobres mantêm a fé no Pai. Entre eles há pessoas que não agüentam mais e perderam toda esperança. Vivem sem esperança. Deixam de pensar no futuro e tomam a vida como um fardo que precisam carregar sem que tenha sentido. Tornaram-se também cínicos.

Há jovens que buscam refúgio na violência como única maneira de afirmar sua existência num mundo que os exclui. Outros caem na bebida, nas drogas para deixar de ver, deixar de ouvir e deixar de

pensar. Não esperam mais nada da vida. Sentem como esses adolescentes que dizem: *sei que não vou viver e vão me matar*. Então, parece que infringir todas as normas é a última maneira de protestar contra a vida. Para eles não existe nenhum Pai, assim como não houve pai na terra, não há Pai no céu.

É verdade também que outros lutam para salvar a própria dignidade e a dignidade dos seus irmãos, mas não aceitam o Pai dos céus. Por que? O Vaticano II deu a resposta. Somente conheceram a religião dos dominadores, o Deus dos grandes e dos fortes, o Deus que legitima todas as opressões. Rejeitam esse Deus e não conhecem outro. Desconfiam de antemão diante de qualquer mensagem religiosa. Na realidade são movidos pelo Pai cujo nome rejeitam. Não têm nome para designar o Deus Pai que seguem porque todos os nomes do vocabulário já foram contaminados.

A grande maioria, porém, continua confiando no Pai apesar de tudo. Sabem fazer a distinção entre o Pai e os que se dizem seus representantes na terra. E porque eles falam do Pai, nós também podemos falar. De modo mais discreto porque bem sabemos que não somos os crentes mais firmes, que a nossa fé não foi provada como a fé deles. Não para ensinar, mas para apoiar. Quando o Pai permanece silencioso e permite tantas injustiças, tantas opressões, tanta arrogância dos vencedores, tanta miséria material e moral, nosso discurso precisa ser muito discreto, sem ênfase, o contrário dos discursos dos supostos amigos de Jó. Mais do que as palavras falam os gestos de solidariedade. Estes gestos são sinais do Pai e lembram-lhes a presença invisível.

Os discursos de propaganda são indecentes. Certas pregações suscitam des-

P
L
U
C
O
S
E
I
C
O

confiança, por exemplo os discursos de propaganda da Igreja Universal. Manifesta-se aqui como se pode manipular a fé dos simples, substituir a esperança pelas ilusões e explorar financeiramente o desconcerto de pessoas esmagadas pelos fracassos da vida. Os seus discursos são indecentes porque não respeitam a dignidade humana dos que sofrem.

Nem todos têm o direito de falar do Pai. Alguns usurpam um direito que não lhes corresponde. Também diante desta exploração do sentimento religioso, o Pai permanece silencioso.

Depois da Segunda Guerra Mundial, quando apareceu todo o horror do Holocausto, levantou-se uma questão: pode-se falar ainda de Deus depois do Holocausto? Se Deus é Pai, como pôde assistir impassível a tal monstruosidade? Que valor podemos atribuir à paternidade de Deus em tal situação?

Não somente o silêncio Deus. Há também o silêncio das religiões, o silêncio da Igreja católica de modo particular. Quem ficou calado nessa circunstância com que direito pode ainda falar de Deus? Depois de ter mostrado tal ausência de fé, tanto medo, que valor pode ter ainda o seu testemunho?

Onde estava o Pai durante o Holocausto? Há uma só resposta que não é cínica: Deus estava nas câmaras de gás, morrendo com os milhões queimados pelos gases venenosos. Ora, se Deus estava ali, como explicar que as pessoas religiosas do mundo não o tenham reconhecido? Elas que tanto falam de Deus, como aceitar que não o reconheçam na sua manifestação terrestre? Que valor pode ter uma religião que esconde a Deus em lugar de mostrá-lo?

Estas foram as perguntas. Claro está que nunca receberam nem receberão respostas plenamente satisfatórias.

Disseram: pode-se falar em Deus depois de Auschwitz, porque em Auschwitz também Deus foi invocado. Muitos judeus continuaram como Jó, acreditando em Deus, mantiveram sua fé inabalável apesar do silêncio. Muitos entregaram sua vida com confiança além de toda esperança.⁵

Escutando a voz dos milhões de sacrificados, aceitando o seu testemunho, podemos acompanhar, redizer o que disseram numa situação extrema que nunca conheceremos. Porém, nunca mais poderemos falar em Deus como antes. Sobretudo sabendo que durante séculos os cristãos alimentaram animosidade, medo, raiva, ódio para com os judeus, o que, sem dúvida, preparou o Holocausto. Os cristãos não se sentiram solidários quando vinham prender os judeus por serem judeus e mais nada. Por isso falaremos de Deus na consciência de nossa própria incredulidade, por não termos falado quando devíamos: falando em Deus com a consciência de quem traiu.

Aqui no Brasil, poderíamos dizer: não temos nada a ver com o Holocausto. Não estávamos aí. A maioria dirá: nem sequer existíamos naquele tempo. É verdade. No entanto, o Holocausto é um sinal, um revelador. O Holocausto mostra as extremidades que a humanidade é capaz de alcançar. Porém, assim despertados por esse sinal, podemos enxergar melhor outras realidades que também existem e muito mais perto de nós. Hoje mesmo os governos de tantas nações manipulados pelos grandes poderes econômicos mantêm bilhões de seres humanos numa situação de exclu-

5. Cf. o no. 195, 1984, de *CONCILIUM*, com testemunhos de judeus e de cristãos.

são que neste final de século XX alcança situações extremas. O mundo não quer ver. Vê de longe, pela televisão de vez em quando. Vê sem ver, vê com uma emoção rápida e rapidamente esquecida porque se trata apenas de um elemento menor dentro da abundância de imagens oferecidas pela mídia.

Deixar os miseráveis na sua miséria não provoca um choque tão forte como o Holocausto, mas a realidade objetiva não é tão diferente. Como falar de Deus Pai quando o seu Filho é crucificado todos os dias ao nosso lado?

O Holocausto criou uma nova consciência pelo menos numa minoria da humanidade: a consciência de que também os povos cristãos podem matar a Deus crucificando o seu Filho, que também os cristãos colaboram com o silêncio, a covardia. Outrora a consciência cristã aceitou a escravidão. O Papa Leão XIII condenou a escravidão somente quando o último país católico tinha decretado a abolição. De modo algum a hierarquia da Igreja quis adiantar-se. A consciência moral despertou mais empurrada pelo exemplo de governos do que pelo evangelho. Não adianta multiplicar os exemplos de fatos semelhantes. Por isso, uma nova consciência começou a manifestar-se: começou mas apenas começou. Há ainda sinais contrários.

No presente momento estamos testemunhando uma avalanche de religião burguesa. A religião burguesa é religião a serviço do bem-estar individual: bem-estar físico e bem-estar psicológico. No Brasil nunca se falou tanto em Deus, nunca houve tanta profusão de símbolos religiosos, nem mesmo na idade barroca. O Nordeste é campeão da religio-

sidade: será para fazer esquecer totalmente a realidade objetiva?

Para a religião burguesa, o Pai, o Filho e o Espírito Santo estão a serviço da satisfação. Constituem eflúvios de forças favoráveis. Deus é aquele que acalma, tranqüiliza, desculpabiliza, infunde sentimentos bonitos, afasta o medo, a tristeza, enche o coração de amor, felicidade, reconciliação com tudo e com todos. Graças a esse Deus, os homens e as mulheres sentem-se felizes, longe dos problemas da vida, gozando, respirando alegria. Essa religião é sempre alegre e condena todos os sentimentos tristes.

A religião burguesa pretende estabelecer um ambiente de simpatia universal, afasta a consciência de conflitos: proclama a abolição de todos os conflitos: todos banhados num banho de felicidade.

Para esse fim, a religião oferece terapias, cultos, orações, exercícios corporais ou mentais. Oferece boas palavras sedutoras, gestos de amor, símbolos de paz e reconciliação. Como Pai e Mãe, Deus aceita tudo, perdoa tudo e manifesta-se na prosperidade. Jesus é um amigo sempre compreensivo, sempre disponível, que nunca se queixa, nunca reclama, o amigo sempre serviçal que nunca pede nada. Pode-se pedir-lhe tudo, ele nunca exige retribuição. O Espírito Santo é essa força, essa ambientação que enche o corações de alegria.

A religião burguesa⁶ não contempla os pobres. A pobreza é um espetáculo deprimente. É melhor nem pensar nela pra não entrar em depressão. Aos pobres se lhes diz que Deus é um Pai que lhes dará riqueza e prosperidade se são religiosos, bem comportados, trabalhadores e pacientes. Para eles há histórias

6. Cf. J. B. METZ, *Mas allá de la religión burguesa*, Sigueme, Salamanca, 1982. Contém um artigo: *Cristianos y judíos después de Auschwitz*, p. 25-39.

que narram a maravilhosa ascensão social de pessoas pobres. Os livros de Paulo Coelho mostrarão como poderes benéficos estão sempre atuando: podem confiar que nada vai acontecer. Não tenham medo! As religiões novas como a Nova Era anunciam que já vem a idade do Aquário e todos os problemas vão desaparecer não pela ação dos homens, mas por uma feliz configuração de algumas estrelas. A religião burguesa suprime o mal negando-o simplesmente. Para os que têm, não é tão difícil manter a ilusão. Para os que não têm, quanto tempo durará a ilusão?

Quem mais fala em Deus Pai é quem tem menos direito de falar nele. A burguesia moderna era incrédula. Era racionalista e considerava a religião uma vivência pré-racional. A nova burguesia tornou-se mais radicalmente capitalista. Não se preocupa pela razão e sim pelo dinheiro. Descobriu que a religião tem valor comercial. Pode-se vender religião e fazer dinheiro e muito dinheiro com a religião. Hoje em dia, o ateísmo não rende mais. Mas religião rende. Oferece mercadorias apreciadas no mercado: o Pai é uma boa mercadoria destinada a render muito. Esse Pai é como um Papai Noel, cheio de bondade, indulgente, terno, que não faz nenhum reparo ao egoísmo, ao individualismo. Pelo contrário, excita o desejo de gozar, fomenta o consumismo religioso. O Pai reveste-se de atributos

dos pais permissivos, inventados pela civilização norte-americana que os espalhou pelo mundo inteiro, começando pelas burguesias.

A religião burguesa promete aos pobres o acesso à satisfação dos desejos e mostra-lhes as portas abertas do consumismo. Na prática esse despertar alimenta as loterias, o jogo do bicho, todas as concursos. Os pobres sabem muito bem que pelo trabalho nunca se saiu da pobreza. Somente pelo jogo. Ou pelo roubo, pelas drogas, pela ilegalidade. A religião burguesa que alimenta o desejo de consumismo leva a esses recursos na sociedade paralela.

Os milagres do Pai fazem com que a gente ganhe na loteria. A loteria não basta por si só: a loteria com muita oração, muita fé, muita confiança oferece muito mais esperança. A religião do Pai reforça o jogo porque se pensa que o Pai intervéem nos jogos para fazer triunfar os seus favoritos. Quem tem muita confiança ganha. Então é bom não esquecer-se de agradecer, pensando na próxima vez.

Há pobres que se deixam iludir. Eis a frivolidade dos discursos religiosos privilegiados pela burguesia.

Lembremo-nos: onde está o Pai na atualidade? O que significa o seu silêncio? Qual é o registro decente, autêntico para falar dele? A resposta é: falar do Pai como Jesus, com Jesus, no mesmo lugar, na mesma situação.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Que significa concretamente para você e sua comunidade falar do Pai como Jesus, no mesmo lugar, na mesma situação?
 2. Como falar de Deus Pai quando seu filho é crucificado todos os dias ao nosso lado?
 3. Em que aspectos a Igreja e a Vida Religiosa precisam se converter para falar de Deus Pai "sem cinismo" no mundo de excluídos de hoje?
-

Um Homem Torturado: Tito de Alencar

JEAN-CLAUDE ROLLAND

Eu me autorizo falar psicanaliticamente da tortura por ter, como jovem psiquiatra, acolhido Tito de Alencar no hospital. Este intelectual, duplamente comprometido, religiosamente como dominicano, e politicamente como líder de um dos movimentos de liberação nacional que emergiram no Brasil depois do golpe de 1964, foi preso em 1969, em decorrência do assassinato do líder comunista Marighela. Este assassinato foi a obra secreta do delegado Fleury e dos esquadrões da morte. Na mente dos seus autores, cumpria um duplo objetivo: liquidar Marighela e comprometer definitivamente os religiosos engajados na luta revolucionária. Durante um encarceramento de vários meses, Tito de Alencar foi submetido a interrogatórios policiais e a torturas, por este mesmo comissário Fleury. Daquela experiência da tortura que definitivamente o deixou alquebrado, nós possuímos um duplo testemunho: por um lado, são escritos que ele teve a coragem de escrever na prisão (isso foi publicado em uma compilação dedicada a ele: "Então as pedras gritarão"), e por outro lado, a restituição desta experiência, como ele mesmo a transmitiu por meio de um estado melancólico e delirante apresentado nos meses que precederam sua morte.

Talvez porque, pela sua origem, pertencendo à classe média, tradicionalmente favorável ao regime político da situação, mas também porque ele era religioso, parece que Fleury e os seus torturadores obstinaram-se sobre Tito de Alencar com uma crueldade particular. Para escapar disto, ele fez uso, na própria prisão, de uma tentativa de suicídio, seccionando a artéria do braço, e só escapou graças à vigilância dos seus executores, receiosos em ter que assumir a responsabilidade por este gesto. Tito evoca nos seus escritos a frase que ele ouviu no seu meio-coma: "Doutor, aquele é absolutamente necessário salvá-lo, caso contrário nós estamos perdidos."

É inclusive graças a este suicídio que a Igreja, em primeiro lugar e depois outras instâncias da sociedade, foram alertadas a respeito da prática da tortura nas prisões brasileiras. Porque, como nós o veremos com mais detalhes, uma das condições da prática da tortura é a de poder se beneficiar com uma clandestinidade de fato.

Graças às circunstâncias excepcionais — o rapto do embaixador da Suíça pelos revolucionários brasileiros seguido pela sua libertação em troca de um certo número de presos políticos — Tito

U
B
I
C
I
T
A
D
O

de Alencar pôde deixar a prisão em 1970 e foi expulso imediatamente. Depois de uma breve permanência no Chile e na Itália, ele foi acolhido na França.

Mas esta real liberdade só fez dramatizar a alienação interior para a qual a experiência da tortura o tinha definitivamente empurrado. De fato, desde as primeiras vezes, Tito mal conseguia iniciar e logo abandonava os estudos, psicoterapia e até mesmo a psicanálise. Durante a sua longa permanência em Paris, de acordo com seus amigos, ele era um homem completamente "aboulique" (sem desejo), retomando sem parar um questionamento político e religioso, duvidando profundamente de si mesmo e convencido de ter traído a causa dominicana como também a causa revolucionária. Ele passava horas escrevendo, como que para tentar reconstruir uma verdade interior e é certo que foi neste exato ponto que a tortura teve pleno êxito contra ele.

Frente a este desespero, seus superiores religiosos tiveram a idéia de confiá-lo a uma outra comunidade dominicana, particularmente carinhosa, a de Éveux, no convento bonito construído por Le Corbusier, em meio às colinas da região Lyonense. Depois de um período em que Tito se achava obviamente melhor, explodiram, ruidosamente e dramaticamente as demonstrações delirantes que não iam deixá-lo jamais, até seu suicídio alguns meses mais tarde. Começou com as fugas inexplicadas, cada vez mais freqüentes e mais longas. Inexplicadas até que um dos Irmãos dele, mais próximo, descobrisse a razão delas: o Fleury falava a Tito e lhe dava ordens — para não entrar, não deitar, para não comer... Tito foi se redobrando cada vez mais em si mesmo, cada vez mais "mutique", cada vez mais triste. Na seqüência de uma destas fugas, ele foi levado para o hospital.

Foi uma cena trágica aquela que presenciámos então: um homem como que encurralado, entregando-se a nós como se fôssemos seus executores. Quando foi para o quarto, ele logo se jogou na parede, braços para cima, como que para ser executado na hora. Depois quando foi para administrar-lhe um remédio para alívio, tomou-o como se fosse o veneno que devia acabar com ele. Cena dramática porque ali era reconstituída completamente, literalmente, a situação exata da tortura, situação que neste momento nós não tínhamos meio de entender, mas que, pouco a pouco, graças à cooperação com seus Irmãos Dominicanos e com os amigos dele, nós conseguimos levar à luz do dia.

Adquirimos rapidamente a convicção de que não estávamos na frente de uma patologia psiquiátrica habitual, nem de um ponto de vista semiológico, nem num plano que eu chamarei ético. Os sintomas apresentados por este paciente, embora pudessem ser os de uma melancolia habitual, tomavam lugar em um mesmo contexto de exibição bastante particular. Eu falei de "cena" porque o painel clínico incluía uma dimensão muito intencionalmente teatral; apesar do mutismo quase total deste homem, apesar da força de sua crença delirante de que éramos algozes, pressentíamos também que sua consciência não tinha realmente virado para uma convicção delirante e que o que o paciente nos expunha era mais um testemunho do que uma patologia. A intensidade do sofrimento psíquico — mais que da dor moral — ia no mesmo sentido.

Eu percebo agora que a aposta que nós fizemos naquele momento — a equipe de enfermagem e Irmãos Dominicanos — a de considerar este estado menos como uma patologia do que como um testemunho, ia no sentido da inten-

ção de Tito de Alencar expressa por este "delírio" (ou talvez por esta exibição histórica, mas não importa...) os tipos de crueldade que ele tinha sofrido durante sua tortura, muito melhor e muito mais precisamente do que o que ele poderia escrever a respeito. Tocamos aqui ao limite da linguagem que só pode dar conta daquilo que não escapa à consciência, enquanto o delírio dele transmitia tudo o que pudera ser trocado inconscientemente entre a vítima e seu carrasco. Mas também, esta aposta queria proteger o Tito de uma decadência apontada pelo torturador. O projeto do torturador era exatamente tornar louca a sua vítima, mas em um pós-golpe distante, em um tempo em que a relação de causa e efeito em relação à tortura não seria mais óbvia. A loucura, assim instalada, denunciaria simplesmente uma constituição doentia do paciente e também geradora, por que não?, de seus equívocos na luta e no compromisso político. Um diagnóstico psiquiátrico de loucura teria definitivamente difamado Tito de Alencar.

Apesar de várias remissões quando os sintomas desapareceram, quando seu relacionamento com os outros melhorava, nada mudou verdadeiramente em Tito desta tendência em reviver e fazer reviver, compulsivamente, a situação da tortura, como que testemunhando com isso a força e a qualidade particular — digamos logo erótica — do vínculo que o tinha amarrado indelevelmente e contrariamente à sua própria vontade, a seus torturadores. Suas relações com os Irmãos de sua comunidade, aparentemente simples e calorosas de novo, arranhava-se com crises interpretativas onde Tito suspeitava de serem eles cúmplices do Fleury. De uma maneira permanente, porém subterrânea na maioria do tempo, a sobrevivência dele na situação da tortura seguia seu curso.

E provavelmente para escapar novamente da tortura que Tito de Alencar cometeu suicídio, em um momento em que estava aparentemente melhor e tinha aceitado a idéia de se inscrever socialmente assumindo um trabalho na periferia de Lyon. Não se pode evitar de ver neste suicídio exitoso a retomada do seu gesto fracassado nas prisões de São Paulo, gesto do qual tinha sido desapropriado por seus algozes, como da última liberdade à qual o homem pode pretender. E sentimo-nos autorizados a divulgar as circunstâncias do seu suicídio, já que se enforcou no topo de um álamo, em um lixão público: assim o pássaro migratório se deixa pegar pelos fios elétricos... Poetizamos os fatos, em reação exatamente a este movimento de despoetização que a tortura realiza no ser? Se a própria linguagem é impotente em prestar conta dos acontecimentos, isto resulta na sua desqualificação como meio de expressão poética; daí a busca de meios substitutivos, como a patologia, tanto o delírio quanto o suicídio. E neste suicídio, em sua cena particular, não estaríamos ouvindo seu infortúnio de exilado, sua erradicação, seu país obviamente de onde tinha sido expulso mas também a erradicação bem mais profunda que a tortura tinha provocado em relação a ele mesmo, à sua identidade, aos seus ideais...

O suicídio de Tito de Alencar desvela claramente a natureza destrutiva da tortura. Entre os significados que podem ser apurados deste suicídio — bem como da precedente tentativa — há essa vontade de dramatizar que ele tinha morrido, em um certo sentido, digamos espiritualmente, durante a prova da tortura, e que não passava mais, de lá para cá, de um sobrevivente.

Certamente a tortura não inclui sempre um resultado tão destruidor, e, em particular, companheiros de Tito, igual-

mente torturados, não sofreram as mesmas conseqüências. O caso de Tito nos leva a nos interrogar sobre o que foi que tornou tão assassina essa experiência para ele. Se confrontarmos o que tivemos oportunidade de observar do seu delírio e as vicissitudes de sua sobrevivência, com os testemunhos escritos que ele deixou, precisamos admitir ou que o efeito psicológico que vem com qualquer tortura física foi particularmente agudo no caso dele, ou que, ao lado das crueldades meramente físicas, Tito sofreu uma forma particular de tortura psicológica. Isso é tanto mais provável que, por conta de seu status social de padre e intelectual, Tito de Alencar representava para seus algozes, e em particular para o delegado Fleury, um símbolo. Símbolo de uma nova aliança da fé e da revolução, opondo-se à aliança tradicional da Igreja e do Estado, e que era necessário desqualificá-la absolutamente para evitar sua propagação. Esta aliança, pela sua ambigüidade, pela sua novidade, representava um desvio, suscetível de encontrar uma saída positiva, e da qual era necessário demonstrar a negatividade, absolutamente. A ambigüidade da aliança será o exato lugar onde o torturador agirá, e agirá psicologicamente, por meio de um duplo movimento de desqualificação da dialética que está em jogo aí e de evidenciamento da incoerência que nela está também presente.

No testemunho que Tito de Alencar escreveu no cárcere em 1970, acha-se uma descrição muito literal dos fatos sofridos. Seu primeiro contato com a tortura é o "pau de arara", tortura que consiste em ajoelhar o preso nu, enfiar uma barra de ferro na dobra dos joelhos, prender por trás seus pulsos com seus calcanhares, e em seguida suspendê-lo de cabeça para baixo. "Assim suspenso, deitado, eu recebi descargas elétri-

cas de corrente contínua nos tendões dos pés e na cabeça. Os torturadores eram seis. Eles me aplicaram o "telefone" (bater as duas orelhas com a palma da mão ao mesmo tempo para fazer explodir os tímpanos) e eles me gritavam injúrias."

Identifica-se aqui, por parte dos torturadores, a busca de um efeito de estimulação (sommation) das diversas fontes de excitação: físicas, elétricas, sonoras e também verbais, e a nudez traz consigo uma excitação muito diretamente sexual. Mas reencontraremos essa estimulação de outro modo. De fato, os torturadores não vacilam em acumular crueldades nas distintas partes do corpo. "Eles lançaram algumas descargas elétricas em minhas mãos, em meus pés, em minhas orelhas e em minha cabeça. A cada descarga todo meu corpo passava a tremer como se fosse despedaçar "Por meio desta estimulação, além da brutalidade, busca-se provocar uma mutação psíquica do sujeito. Mas se podemos, nós, decifrar esta situação desta forma, Tito, ele, não podia discernir a estimulação que estava em jogo, nem a intenção que a ela presidia. O testemunho posterior do delírio é muito mais autêntico que o testemunho escrito porque nos mostra que Tito podia ter consciência somente de uma parte da situação; acontece desde o começo da tortura uma dissociação muito clara entre a consciência imediata dos fatos e uma interiorização mais inconsciente onde não importa mais a diferença entre sevícias sofridas e sevícias desejadas. "Era impossível saber que parte do corpo era mais doída. Eu tinha a impressão de ser esmagado por toda parte. Minha mente não era mais coordenada, eu só tinha o desejo de perder os sentidos."

A estimulação visa de fato engajar, sem o conhecimento da vítima, seu de-

sejo e solicitar assim mesmo uma culpabilidade. Pois, pelo sofrimento, o corpo é instigado eroticamente até o ponto em que uma auto-excitação interna é capaz de dar continuidade, de modo quase autônomo, à excitação externa. Confusão e culpabilidade virão como conseqüências de uma certa dissolução de categorias do interior e do exterior: não é o torturador que faz perder os sentidos, é ele mesmo que passa a sentir o desejo disso. Reencontramos, claro, o desejo à obra, de modo grotesco, na reconstrução delirante da tortura. Um passo a mais na mutação psíquica secreta da vítima é perceptível no seguinte evento relatado por Tito: ele cai nas mãos de um novo torturador, o capitão Albernaz. "Quando eu venho na Operação Bandeirante, eu deixo o coração em casa. Eu tenho horror dos curas... Você conhece Fulano e Beltrano? (menciona os nomes de dois presos políticos torturados, com muita selvageria por ele), você vai ter direito ao mesmo tratamento: descargas elétricas o dia todo. Para cada um de seus NÃO, você receberá uma descarga maior. Havia três militares na sala. Um deles gritou: "Eu quero nomes de homens e de organizações clandestinas". Quando eu respondi: "Eu não sei", eu recebi uma descarga elétrica tão forte, daquelas diretamente plugadas na tomada, que eu perdi o controle de minhas funções fisiológicas.

É difícil superarmos o pathos desta situação e o espanto onde é deixado o leitor. Medimos a decadência a que é levado o verbo nesta experiência, tanto pela nossa tendência em ficar sem voz perante este relato quanto pelo fato de que o torturador parece não esperar por outra resposta a não ser exatamente o NÃO. O desespero na tortura passa pela decadência da linguagem. Há algo realmente infame nesta estratégia que usa, com aparente objetivo de fazer falar, de

um constrangimento que organicamente castra a pessoa de seus meios de expressão, a tal ponto que o leitor é submetido à convicção, nesta passagem, que a tortura não é usada como um método de interrogatório policial, mas que ela tem um objetivo autônomo que é o de criar uma culpabilidade.

De fato, as descargas elétricas visam precisamente aqui a levar a vítima a sujar-se. Ainda em sua narração, Tito alude às várias pessoas presentes ao lado do torturador: uma multidão de olhares que, portanto, concorre, através de voyeurismo, para erotizar o relaxamento dos esfínteres e os sentimentos múltiplos que o sujeito passa a sentir. Insistimos no exibicionismo presente em seu delírio e pode-se ver neste exibicionismo delirante a retomada de uma dor sofrida na tortura, a qual Tito não tinha meios de controlar, ao escrever.

O horror continua para ele: "Ele (o torturador) entrou nos ataques morais: Quais os padres que têm amantes? Por que a Igreja não expulsou vocês todos? Quem são os padres terroristas? Disse que a Igreja é corrupta, que pratica malversações financeiras, que o Vaticano é o proprietário das maiores empresas. A todas as minhas respostas negativas, eles me davam descargas, socos, pontapés, e golpes de vara no tórax. Num determinado momento, o capitão Albernaz ordenou que eu abrisse a boca para receber "a hóstia sagrada". Ele introduziu um fio elétrico. Eu permaneci de boca inchada, sem poder falar adequadamente. Eles gritavam contra a Igreja. Eles gritavam que os padres são uns homossexuais porque eles não são casados... Eles só pararam às quatorze horas" (nota-se que tinham começado de manhã, às oito horas).

A densidade patética da narração vem da pressa com que foi escrita, como

em uma luta contra o esquecimento, contra o recalque benfazejo a curto prazo, mas que o alienará posteriormente, ao ter que rememorar pelo viés do delírio.

Tito, como foi falado, nunca mais conseguiu habitar sua identidade de religioso e uma parte grande de seus escritos expressará a busca dolorosa de uma espiritualidade nova, impossível porquanto a procurava exclusivamente na reconciliação de ideais contraditórios: Freud e Marx, Marx e Cristo, etc.

Neste último fragmento da narração, percebe-se melhor por que procedimento a tortura consegue a mutação psicológica do sujeito. Consiste na destruição de auto-representações idealizantes do eu. Mais justamente aqui, o que especificamente é contestado é a representação a mais espiritual, a mais especular também: a do padre. Destruição seguida pela imposição de uma nova identidade, como a negativa da anterior: "Você é um falso padre", em contradição: "A Igreja é corrupta", e na sensação de uma decadência: "Os padres são uns homossexuais." Da maneira que Tito consegue evocá-lo, o procedimento torturador parece desenvolver-se como um drama do qual a cena paródica da comunhão seria o ápice. Com uma malignidade estratégica que só uma relação muito apaixonada pode inspirar, a manipulação pelo torturador do simbolismo religioso visa desacreditar, tornar em derrisão um setor da identidade da vítima, aquele do qual pode-se dizer que ele é o lugar de todas as sublimações e todas as transcendências. Ele é desacreditado porque é reduzido a um gestual quase pornográfico, neste contexto de excitação corporal, depois de tantas horas de sevícias.

Imagina-se que foi neste momento preciso que Tito de Alencar perdeu toda possibilidade de se reconhecer como o padre que ele era. A razão pela qual deve

ter aderido a esta paródia está em relação com o artil que consiste, não tanto em denunciar ex-abrupto a religião, mas em fazer ressaltar o embasamento pulsional, a partir do qual a sublimação religiosa pode desenvolver-se. De fato, o torturador só faz virar de sua vertente solar, sublimatória, para uma vertente sombria pulsional. A tortura se revela como uma operação de des-sublimação.

Também é uma operação de despoeirização. Porque se prestamos atenção, neste fragmento de narração, à importância das palavras que são expressas pelos carrascos, notamos vários pontos. Como provavelmente em outros momentos, o carrasco não deixa de insultar a vítima, mas, notemo-lo, de um modo relativamente sincronizado com as crueldades físicas. Como se cada interjeição fosse lançada e fosse introduzida no sujeito após um trauma físico. De fato, esta linguagem diz coisas das quais não é possível evitar a falsidade, já que contém, apesar de tudo, sua parte de verdade. E é sobre a ambigüidade do verdadeiro e do falso que está jogando: sobre a palavra homossexual, por exemplo, verdadeira de uma verdade que, latente, concerne todo ser humano, verdadeira também de uma verdade de fato, na situação do ser Tito que está sofrendo passivamente uma paródia de feição em um contexto de exibicionismo-voyeurismo. Na realidade, não somente a linguagem se introduz no rastro das sevícias corporais, mas, bem mais, ela as acompanha e vem lhes dar um sentido que por si só não poderiam ter. A linguagem funciona aqui como um veredicto, melhor, como uma interpretação selvagem que vem estigmatizar de modo absolutamente irreversível a ressonância emocional que as sevícias tentam provocar no sujeito.

Pode-se dizer que com o insulto, o carrasco completa sua estratégia e encer-

ra a experiência. A linguagem assumiria, assim, um papel análogo aos olhares das pessoas que assistem à cena. Pois, como Tito poderá, para sempre, repensar este momento da experiência em que, despedido, humilhado, constrangido, está apanhando, sendo passivamente estuprado, sem que seja através do veredicto das vozes e dos olhares: "Você é um homossexual", "Você se entrega e se expõe como uma mulher"? Esta palavra que diz ao mesmo tempo o verdadeiro e o falso, que se impõe do exterior e acha sua ressonância dentro, não poderá mais ser objeto de uma elaboração espontânea. Caída de seu estatuto semântico, sofreu uma despoeitização que a reduziu a um mero corpo estranho, uma coisa que habitará duravelmente o sujeito e que reencontraremos ativa, novamente, na hora das fases menos subterrâneas do seu delírio, quando a voz do torturador lhe ditará cada ato de sua vida.

Não há dúvida que Tito de Alencar morreu no decorrer de suas torturas. Mesmo incorrendo no risco do pathos, estou inclinado a afirmar essa proposição na medida em que o que Tito era, o religioso, o lutador, mas também o homem inscrito numa história privada, doméstica, o filho, o irmão, não o era mais. Tito se tornou alguém outro, aquele que seu torturador teria querido que fosse. É neste sentido que pode-se dizer que era um sobrevivente do qual era talvez impossível, a nós que não havíamos passado por essas provas, entendermos o que dele sobrevivia.

Tudo aconteceu como se a tortura tivesse substituído um homem novo ao homem velho que ele era, o que só faz retomar o espírito da tortura onde o torturador focaliza seu olhar num só ângulo, o ser enquanto vítima, menosprezando absolutamente a realidade existencial do sujeito. Nos chamou muito a

atenção ver que, quando uma de suas irmãs fez uma longa e cara viagem do Brasil para a França para ajudá-lo, mal a reconheceu, manifestou nenhuma familiaridade com ela, ficando impermeável a todas as tentativas para fazer rever seu passado.

Ele era o novo personagem criado por Fleury e isto é exatamente aquilo que a tortura visava. Pois nota-se um estreito parentesco entre a maneira com que o carrasco manipula as sevícias físicas e o modo com que manipula o insulto verbal. Nos dois casos, trata-se menos de ferir o exterior do que provocar um movimento interno de auto-destruição e um movimento de auto-crítica que devem continuar agindo por conta própria. É o que Tito de Alencar demonstrou em seu delírio quando impôs a si mesmo todas as privações que sabemos, mas também nesta atividade incessantemente repetida de auto-acusação. Seu caso poderia ser considerado como uma tortura exitosa, ou seja, é possível que o ideal do torturador esteja em pôr a caminho o que, na pessoa humana, está disponível para uma auto-tortura (como conhecemos com frequência na patologia): auto-desvalorização, auto-crítica, auto-punição. É talvez desta agudez psicológica que se vangloriou o Albernaz quando Tito lhe ouviu dizer: "Nós sabemos fazer coisas sem deixar rastros. Se sobreviver, nunca esquecerá do preço de sua audácia".

Em um momento bem preciso, Tito teve o sentimento de ter traído, dando nomes. Ele se acusará precisamente por muito tempo, de modo melancólico, embora todos os testemunhos contrariem essa convicção: ele não teria entregado nenhum nome sob a tortura. Vê-se aí, nesta auto-acusação, um meio cômodo, imediato, para racionalizar sua culpabilidade, mas também, sobre esta culpa clássica de torturado, vem deslo-

C
O
N
V
E
R
S
I
O
E
S
E
P
C
I
A

cando um sentimento mais escuro e expansivo da traição. Nos escritos, este sentimento de traição assume a forma de uma preocupação nascente para com o destino dos seus Irmãos Dominicanos. "Em minha cela eu não conseguia dormir. A dor aumentava cada vez mais. Eu tinha a impressão que minha cabeça era três vezes mais grossa que meu corpo. Era preciso acabar com isso uma vez por todas. Eu sentia que não poderia agüentar tamanho sofrimento por muito tempo. Eu estava angustiado com a idéia que meus Irmãos Dominicanos pudessem sofrer a mesma coisa".

O desejo de morrer permanece indissociável deste sentimento de traição que representa a essência mesma da auto-tortura, tanto quanto é a meta suprema da tortura, pois é o grupo ao qual pertence a vítima que o algoz tenta alcançar por meio dela. Ora, ao mesmo tempo, uma campanha de imprensa é orquestrada publicamente contra o grupo dos Dominicanos. O jornal O Globo publicou o seguinte: "Eles (os Dominicanos) traíram a fé ao aderir ao comunismo, e traíram o comunismo ao entregar Mari-guela. São os novos Judas". É impressionante como as mesmas acusações difamatórias, as mesmas calúnias, circulam aqui, no século, e ali, no espaço fechado, clandestino, inter-individual, da tortura. Sentimo-nos autorizados a considerar que é a mesma guerra que um certo grupo ideológico realiza contra um outro, aqui e ali. Daí a idéia de que a tortura poderia ser entendida como um tipo de microcosmo da guerra mais geral, oficial, uma guerra de "laboratório", onde os obstáculos, os fracassos que o poder enfrenta na realidade seriam como magicamente eliminados. Um microcosmo onde o poder se dá a ilusão de que a realidade é complacente com seu desejo: a tortura seria um campo de utopia.

Ao esmagar Tito de Alencar fisicamente e espiritualmente, o torturador e o grupo do qual ele é o representante, visavam talvez nada mais que reforçar a convicção de que eles poderiam acabar, sem dificuldade, com uma oposição de idéias que ameaçava sua própria convicção. A busca desta ilusão de vitória responde muito melhor pela crueldade das sevícias do que uma suposta busca de informações, já que, como se viu, estas sevícias quase sempre colocavam Tito na impossibilidade de falar. Tito, pessoa bem real, no entanto é torturado enquanto efígie do grupo dominicano do qual ele é o símbolo. Há na tortura um fundo de exorcismo que fica preso ao não-dito, ao não-sabido, de um lado e do outro, mas que traz sua própria confusão ao mistério da experiência. Freud, em Totem e Tabu, explica: "Um dos processos mágicos do qual se usa mais comumente para prejudicar um inimigo, consiste em fabricar sua efígie com materiais quaisquer. Poderá ainda se demonstrar que tal ou tal objeto representa sua imagem. Tudo o que se inflige a esta efígie atinge o modelo odiado. É suficiente ferir qualquer parte daquela, para que a parte correspondente do corpo deste fique doente". O material qualquer está aqui sendo Tito de Alencar e o objeto que representa a imagem, é seu corpo.

Fiquemos com esta hipótese da tortura como prática exorcista, enquanto nos permite acompanhar a decadência da palavra e da linguagem tal qual acontece na tortura, até conduzir a esta forma semiótica particular que é a confissão. É de fato numa progressão esperta que Tito de Alencar será despojado da sua palavra de homem, desde que a clandestinidade e a ilegalidade da tortura tiram toda referência ética. Despojado em seguida de sua palavra de homem, na medida em que a dominação sexual almejada pelo

carrasco conduz a vítima a identificar-se a um corpo erógeno que só fala de excitação e compulsão à repetição. E enfim, com esta fase que a imagem de efígie ajuda a figurar, entendemos que a palavra chamada pelo torturador é não a palavra de Tito de Alencar, sobre Tito de Alencar, mas a palavra do representante de um certo grupo sobre o grupo em questão. É portanto uma palavra que, longe de estar ao serviço de uma verdade qualquer, não tem outra razão de ser senão tentar responder a uma expectativa bem precisa do torturador. Esta expectativa seria evidentemente a entrega de nomes, a prova de uma cumplicidade, de um erro, de uma traição, tanto faz. Porque, qualquer coisa que a vítima diz ou não diz, esta será uma palavra que o executor ouvirá do jeito que ele esperava: eis a confissão.

Tudo fala em favor do torturador, como tudo concorre para provar à vítima que ela falou, porque a confissão nunca corresponde a uma declaração qualquer, mas a uma certa forma de decadência da linguagem em que o sinal verbal só se interpreta através do desejo daquele que o está escutando. A ausência de terceiro, o livre desenvolvimento da onipotência do desejo do carrasco, caracteriza suficientemente o caráter furioso, psicótico, desta situação de tortura, que a decadência do verbo vem cristalizar.

Já há um século, um autor como Jules Michelet tinha percebido a dimensão delirante disto: "Uma bruxa confessa ter puxado ultimamente do cemitério o corpo de uma criança morta, para usar este corpo em suas composições mágicas. Seu marido diz: "Vá para o cemitério. A criança está ali". O corpo é exumado, encontrado exatamente no seu lençol. Mas o juiz decide, contra o testemunho de seus olhos, que é uma "aparência", uma ilusão do Diabo. Ele prefere a confissão da mulher ao fato em si. A mulher

é quemimada." Esta decadência da palavra, Tito a denunciará no longo mutismo que pudemos observar, bem como no automatismo mental, quando uma voz que não era mais a sua falava dentro dele.

A prática do torturador é louca e frente a esta loucura passional, a denúncia e a luta política têm que se fazer, no mesmo grau, passionais e impiedosas. Mas ela é também louca no sentido psiquiátrico do termo. Sem que isso em nada contamine a luta política, devemos esclarecer isto porque esta loucura situacional exerce por si só um efeito psíquico destrutivo sobre a vítima; mas existe também um interesse antropológico em entender este fato realmente misterioso de que homens civilizados possam endossar a responsabilidade de tal prática. Pierre Vidal-Naquet, a propósito de torturas praticadas na Argélia antes da independência, nos convence da idéia de que a tortura só foi possível porque políticos deixaram seriamente de cumprir com sua função de controle das instituições e autorizaram um vazio legal que só permitiu a instalação de práticas torturadoras. Abandonado pelo jurista, dispensado, não sem complacência, pela lei, o soldado se torna torturador e se assim pode-se dizer, ele se torna também louco, autorizando-se de uma conduta exorcista e mágica que lhe serve no lugar de pensamento.

Realmente só uma loucura, ou digamos um enlouquecimento, permite entender a crueldade extraordinária demonstrada nestas situações, a implacabilidade sádica que amarra literalmente o carrasco à sua vítima e do qual a narração de Tito de Alencar dá uma descrição de um realismo comovente e uma grande agudez psicológica. De fato, é de uma certa face do torturador, com sua estarecedora inumanidade, que, constantemente, este texto nos fala. Imagina-se a



Objetivo Geral

Sensível aos 'sinais dos tempos', em criatividade fiel ao Evangelho, segundo os carismas fundacionais, em atuação intercongregacional e parceria com leigos e leigas, dentro da comunhão eclesial,

A CRB SE PROPÕE A ANIMAR UM PROCESSO DE REFUNDAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA, enraizado na *mística evangélica* que brota da ternura e compaixão de **Deus Pai e Mãe**, vivido em *missão inculturada* sob o dinamismo do **Espírito**, e em *presença solidária* entre os pobres, no seguimento de **Jesus Cristo**, para a transformação social, em vista do Reino

Linhas inspiradoras:

- 1) Espiritualidade integradora de diversas dimensões da vida e geradora de compromisso;
- 2) Experiência de discipulado no processo formativo;
- 3) Diálogo com os diferentes sujeitos culturais;
- 4) Inculturação do ser e da missão da Vida Religiosa;
- 5) Solidariedade cristã nas questões de gênero, etnia, exclusão e meio ambiente;
- 6) Solidariedade profética e qualificada;
- 7) Vida comunitária personalizada e participativa;
- 8) Juventude e futuro.

Que Maria, Mãe e Companheira, e todas aquelas e aqueles que, sensíveis aos 'sinais dos tempos', nos precederam na caminhada, fortaleçam nosso empenho e criatividade fiel.